

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA  
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

A EUCARISTIA NO ECUMENISMO ENTRE AS  
IGREJAS DO CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS  
CRISTÃS DO BRASIL (CONIC)

CLETUS ONYEMAUCHE CHUKWUJIOKE

Goiânia  
2005

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA  
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

A EUCARISTIA NO ECUMENISMO ENTRE AS  
IGREJAS DO CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS  
CRISTÃS DO BRASIL (CONIC)

**Cletus Onyemauche Chukwujioko**  
**Orientador: Professor Haroldo Richter Reimer**

Dissertação apresentada ao curso de  
Mestrado em Ciências da Religião da  
Universidade Católica de Goiás como  
requisito parcial para a obtenção do  
grau de mestre.

Goiânia  
2005

DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DEFENDIDA EM  
20 DE SETEMBRO DE 2005  
E APROVADA COM A NOTA 8,2 (OITO INTEIROS E DOIS DÉCIMOS)  
PELA BANCA EXAMINADORA

1) Dr. Haroldo Reimer /UCG (Presidente)\_\_\_\_\_

2) Dr. Luigi Schiavo / UCG (Membro) \_\_\_\_\_

3) Dr. Jadir de Moraes Pessoa / UFG (Membro)\_\_\_\_\_

C559e Chukwujioké, Cletus Onyemauche.

A eucaristia no ecumenismo entre as igrejas do  
Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC) /  
Cletus Onyemauche Chukwujioké – 2005.  
126 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de  
Goiás, Departamento de Filosofia e Teologia, 2005.  
“Orientador: Prof. Dr. Haroldo Reimer”.

1. Eucaristia. 2. Ecumenismo. 3. Igreja Cristã – Brasil. 4.  
Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC). I.  
Título.

CDU: 265.3  
291.16  
281

A todos os amantes da religião,  
que buscam, sem cansar, a força na divindade.

Que essa força nos una.

Dedico estes pensamentos  
à Rosaline e Lucinete, minhas duas mães,  
e a todos que me ajudaram a realizar este trabalho;  
Dr. Haroldo Reimer, Ieda, Rosana, Jaciara e Fabrício.

## LISTA DE ABREVIATURAS

AEB – Aliança Evangélica Brasileira

ARCIC – Comissão Internacional Anglicana e dos Católicos Romanos

CBC – Comissão Brasileira de Cooperação

CEB – Confederação Evangélica do Brasil

CEI – Conselho Ecumênico das Igrejas

CESE – Coordenadoria Ecumênica de Recursos

CLAI – Conselho Latino Americano das Igrejas

CNBB – Confederação Nacional dos Bispos do Brasil

CNIC – Conselho Nacional de Igrejas Cristãs

CONIC – Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil

DV – Dei Verbum

EDI – Encontro de Dirigentes de Igrejas

EES – Entidade Ecumênica de Serviço

FLB – Federação Luterana Mundial

GERT – Grupo Ecumênico de Reflexão Teológica

IEAB – Igreja Episcopal Anglicana do Brasil

IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

LG – Lúmen Gentium

RM – Redemptoris Missio

UR – Unitatis Redintegratio

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>10</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>11</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1. O SAGRADO, A DIVERSIDADE RELIGIOSA E O ECUMENISMO .....</b>	<b>17</b>
1.1 EXPERIÊNCIAS DO SAGRADO E DIVERSIDADE RELIGIOSA.....	18
1.2 DEFINIÇÃO DE ECUMENISMO .....	20
1.3 HISTÓRIA DO MOVIMENTO ECUMÊNICO NA EUROPA NO SÉCULO XIX.....	22
1.4.    CRISTIANISMO E DIVERSIDADE RELIGIOSA NO BRASIL NO SÉCULO XVI A XX .....	25
1.4.1    A Religião dos índios.....	26
1.4.2.    A Religiosidade Africana.....	28
1.5.    ESFORÇOS ECUMÊNICOS NO BRASIL .....	29
1.5.2.    Os Missionários Protestantes como Pioneiros Ecumênicos.....	30
1.5.3    Comissão Brasileira de Cooperação (CBC).....	33
1.5.3.    Conferência Evangélica Brasileira (CEB).....	35
1.5.4.    Ecumenismo Metodista.....	38
1.5.5.    Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB).....	41
1.5.5.    A igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB).....	43
1.5.6.    A Entrada da Igreja Católica no Movimento Ecumênico.....	45
1.5.8.    CNBB e Ecumenismo.....	48
1.6.    CRIAÇÃO DO CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS DO BRASIL (CONIC).....	50
1.7.    RESUMO.....	55



<b>2.</b>	<b>O SIMBOLISMO E A EUCARISTIA.....</b>	<b>57</b>
2.1.	SIMBOLISMO.....	57
2.1.1.	Simbolismo e Transparência .....	61
2.1.2.	A Função Comunitária do Simbolismo .....	64
2.2.	A EUCARISTIA E O SIMBOLISMO.....	66
2.2.1.	Os Elementos do Simbolismo: pão e o vinho.....	68
2.2.2.	Pão e o Vinho como Primeiros Simbolizados.....	68
2.2.3.	AS Características do Pão e do Vinho como Simbolizantes.....	69
2.2.4.	Ato de Comer Pão e Beber Vinho (Banquete): sentido simbólico.....	70
2.3.	PRESENÇA REAL: TRANSUBSTANCIAÇÃO, CONSUBSTANCIAÇÃO, MEMORIAL.....	75
2.3.1.	Consubstanciação.....	76
2.3.2.	Transubstanciação.....	78
2.4.	A eucaristia como memória.....	79
2.5	RESUMO.....	80
<b>3.</b>	<b>A EUCARISTIA COMO PROBLEMA ECUMÊNICO NO CONIC.....</b>	<b>81</b>
3.1.	HISTÓRIA DE ESFORÇOS NAS CELEBRAÇÕES ECUMÊNICAS.....	81
3.2.	IMPASSE COM BASE NOS RELATÓRIOS E ENTREVISTAS.....	86
3.2.1.	Como as Igrejas Celebram a Eucaristia.....	87
3.3.	CONCLUSÃO: EUCARISTIA ECUMÊNICA? .....	90
	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>94</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>97</b>
	<b>APÊNDICE – ENTREVISTAS .....</b>	<b>101</b>

## RESUMO

CHUKWUJIOKE Onyemauche Cletus: *A eucaristia no ecumenismo entre as Igrejas do Conselho nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (Conic)*. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2005.

O ponto central deste trabalho é a eucaristia e o simbolismo. Contudo, a eucaristia e o simbolismo não como tema elaborado isoladamente, mas no contexto do ecumenismo. Uma vez que o sentido da palavra ecumenismo, em suas ramificações, é bastante grande, o aspecto ecumênico da eucaristia aparece somente naquelas igrejas que fazem parte do Conic. As denominações cristãs que compõem o Conic são as seguintes: Igreja Católica Romana, Igreja Católica Ortodoxa Siriana, Igreja Cristã Reformada, Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB), Igreja Metodista, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e Igreja presbiteriana Unida (IPU). O ponto central da fé cristã é a eucaristia, a fé cristã existente no meio de uma pluralidade de outras crenças no Brasil. Será possível que um dia todos os cristãos celebrarão a Ceia do Senhor ao redor de uma única mesa? Segundo um dos entrevistados deste trabalho, quando esta celebração única acontecer, ela não será mais uma celebração ecumênica, mas uma plena realização do sonho do Jesus: “A fim de que todos sejam um”.

Palavras chaves: Eucaristia, Ecumenismo, CONIC, Igrejas Cristãs, Unidade, símbolos.

## **ABSTRACT**

CHUKWUJIOKE, Onyemauche Cletus. *The Eucharist in the ecumenism of national council of Christian churches of Brazil (Conic)*. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2005.

The theme Eucharist and its symbolisms are treated in this work as the central point. However, the Eucharist and symbolisms treated not as separated theme but in the ecumenical context. Once ecumenism and its different ramifications are too vast, the concentration will be only around the churches that are members of National council of Christian churches of Brazil (CONIC). Here are the names of the churches that are members of CONIC; The Roman Catholic church, Catholic Orthodox church of Sirian, The reformed Christian Church, Episcopal Anglican Church of Brazil, Evangelical church of Lutheran Confession of Brazil and the Presbyterian United Church. Eucharist is the center of Christian faith surviving in the midst of plurality of believes in Brazil. Will it be possible one day seeing the Christians celebrating the Lord's Supper around one altar? According to one of the persons we interviewed, when this type of celebration happens, then it will not be called anymore the ecumenical celebration but fulfillment of the Jesus dreams." May they all be one, just as you, father, you are in me and I am in you".

Key Words: Eucharist, Ecumenism, Symbolisms, Conic, Christian Churches and Unity.

## INTRODUÇÃO

Esta obra pretende elaborar a questão da eucaristia no interior do ecumenismo do Conic. Começa falando da natureza religiosa do ser humano, que não se contenta com as coisas palpáveis do mundo material. O homem e a mulher querem transcender o mundo, encontrarem-se com uma divindade que fascina. Parece que somente a união com os deuses nos contenta. É por meio desta busca incessante que se encontra um Deus vivo cuja experiência penetra a alma, provocando muitos sentimentos, um dos quais é a alegria de encontrar a razão do seu ser e a de transmitir a experiência religiosa vivida ao seu semelhante para que ele também faça a mesma experiência e fique feliz como o que a experimentou primeiro.

Outrossim, no processo de transmissão desta experiência ao seu semelhante, ele acaba agrupando admiradores, são os que querem ser igual a ele, o guru. Acreditamos ser essa a maneira como se inicia uma nova comunidade religiosa. Uma vez que o nosso mundo é imenso, com seis bilhões de seres humanos, cada nação tendo a sua cultura, as culturas poderiam provocar ainda uma maior variedade nas religiões emergentes. Todas essas religiões querem transmitir algo de bom, querem ser ouvidas e respeitadas, é também assim que surge a grande necessidade do ecumenismo.

A palavra *oikoumene* é de origem grega, e tem o sentido de morada ou casa. É família que sempre mora na mesma casa, gente amiga unida e conhecida. Assim também, por meio dos movimentos ecumênicos, espera-se que as religiões sejam como uma família, convivendo pacificamente, como os moradores de uma mesma casa. É verdade que não é somente o cristianismo, entre as grandes religiões mundiais, que tem suas divisões, contudo, os cristãos têm plena consciência de que essas divisões são contra o desejo do seu fundador. Eles sabem que é possível estabelecer a união e a paz entre eles e, em razão dessa certeza, existem muitos grupos ecumênicos trabalhando para alcançarem a unidade. Um destes movimentos ecumênicos é o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (Conic), formado por sete Igrejas de grande tradição. Essas Igrejas rezam juntas, todos os anos, na semana de oração para a unidade dos cristãos, oportunidade em que elaboram alguns pontos de cunhos teológicos. Elas, muitas vezes, organizam a Campanha da Fraternidade, empenham-se na realização de obras públicas e na luta pela justiça social. É assim que as igrejas-membro do Conic estão, cada vez mais, vivenciando juntas sua vida cristã e testemunhando para o mundo, unidas, que o próprio Jesus é muito mais forte que os fatores que os dividem. No meio de tantos esforços ecumênicos, este estudo vem, como muitos outros escritos, especialmente falar sobre a eucaristia ecumênica.

Desde o início do século XX, até os dias atuais, surgiram muitos movimentos ecumênicos buscando, com muito afincio, a união de todos os cristãos, como veremos logo neste trabalho. Essa preocupação de união entre os cristãos surgiu de maneira forte entre os protestantes e, hoje, já atingiu outras igrejas tradicionais, como a anglicana, ortodoxa e a própria Igreja Católica Romana.

A Igreja Católica Romana até criou uma congregação específica junto ao Vaticano com o fim específico de cuidar do trabalho de união entre os cristãos. Quase todas as igrejas do CONIC já têm uma comissão de homens e mulheres das suas igrejas que estudam a mesma questão.

Atualmente, já começamos a colher bons frutos desses esforços ecumênicos, como avanços na questão da tolerância, de forma que as agressões ou perseguições a alguém simplesmente porque ele não congrega na mesma igreja que a nossa já diminuíram; avançamos também nas obras sociais, na luta contra a miséria e a fome, na restauração do direito do povo humilhado e explorado pelos maus políticos; alcançamos progressos concretos nas questões doutrinárias em alguns aspectos da fé cristã, especificamente entre as igrejas históricas – Ortodoxas/Católica, Luterana/Católica, Anglicana/Católica – e mais outros casos. Entretanto, apesar de todo progresso nesse sentido, algo está falhando, e é algo muito importante, a Eucaristia ou Santa Ceia no ecumenismo.

A Eucaristia é ainda hoje vista entre as igrejas como pedra de grande tropeço. Somos membros de Cristo Jesus primeiramente, antes de sermos membros um do outro, por sermos batizados no mesmo Jesus Cristo. É exatamente a Ceia do Senhor, a Eucaristia, que pode nos unir, como afirmam os bispos metodistas em sua carta apostólica aos seus fiéis:

“A ceia ou a comunhão é uma das experiências mais ricas vividas na comunidade cristã. Ela é a expressão concreta do amor de Deus e da experiência de pertencer a uma comunidade: uma comunidade de irmãos e irmãs, a comunidade do povo de Deus”. (COLÉGIO..., 2001, p. 26).

Podemos até afirmar que são poucos os avanços na questão da Eucaristia entre os cristãos. Ela está se tornando ponto de desunião, ao passo que Jesus a deixou para nos unir.

A Eucaristia não deve ser motivo para discórdias. Ao contrário, ela deve nos unir num sonho comum: o Reino de Deus entre nós, a salvação de todos, o amor e a misericórdia divina vivenciados plenamente entre nós (Idem, 1996, p. 5).

Diante de tudo isso, podemos perguntar:

- Por que as discussões das Igrejas do CONIC com relação a eucaristia não avançam?
- Qual é o maior obstáculo que impede uma celebração ecumênica da eucaristia entre as Igrejas do CONIC?
- Quais foram os avanços das Igrejas do CONIC para chegar a um acordo sobre o sentido da eucaristia?

Esta pesquisa será feita em três etapas, a saber: teórica, histórica e empírica. Na primeira etapa, tratar-se-ão as questões teóricas baseando-se nos escritos dos pensadores que estudam o assunto religioso e ecumênico.

Na segunda etapa, enfocaremos o assunto da Eucaristia e sua parte doutrinária, trabalhando os ensinamentos das Igrejas do CONIC.

A terceira parte se constitui das entrevistas realizadas com os líderes de várias igrejas cristãs, das quais foram transcritas sob a forma de apêndices.

Este trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo aborda o assunto do ecumenismo especialmente entre as Igrejas que compõem o CONIC, que são: Igreja Católica Romana, Igreja Católica Ortodoxa Siriana, Igreja Cristã

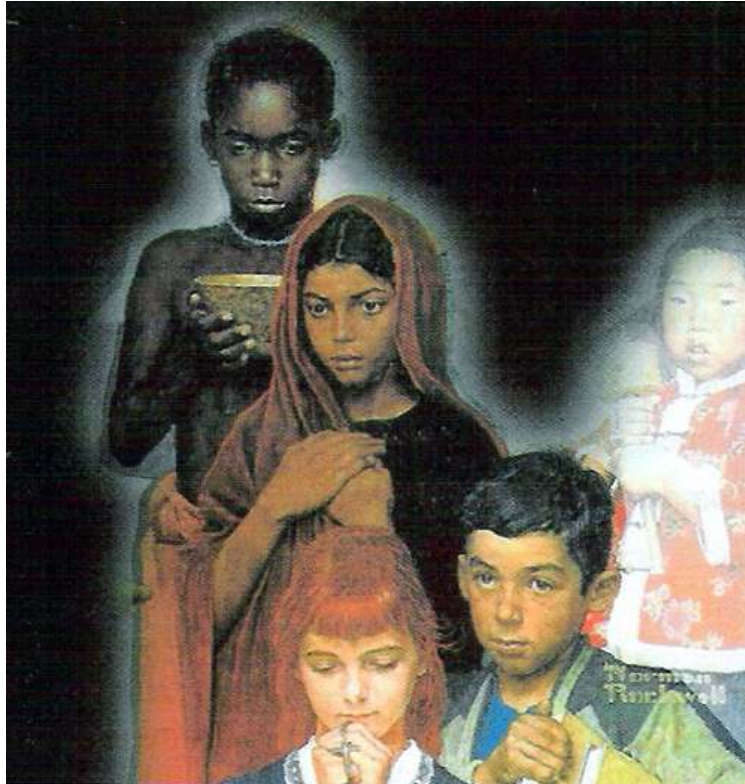
Reformada, Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB), Igreja Metodista, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e Igreja Prebisterana Unida (IPU). As contribuições de algumas entidades ecumênicas mais as das próprias igrejas do CONIC são também mostradas no primeiro capítulo.

O segundo capítulo começa com o simbolismo e a Eucaristia. Atesta que a Eucaristia é celebrada com pão e o vinho, que simbolizam o corpo e o sangue de Jesus Cristo. São apresentadas, ainda, as três concepções da Eucaristia segundo a fé de diferentes Igrejas representadas no CONIC, quais sejam: a transubstanciação, a doutrina da Igreja Católica Romana que diz, na hora da consagração, o pão e o vinho, se tornam o corpo e o sangue de Jesus Cristo, a substância do pão e do vinho é também transformada; a consubstanciação, doutrina luterana em que Martinho Lutero assegura que há realmente a presença do Cristo no pão e no vinho consagrado, mas a substância pão e vinho permanecem as mesmas; e a memória, doutrina calvinista que acredita que, depois da consagração, o fiel comunga o Cristo espiritualmente, não corporal e carnal, mas verdadeiro e real. São diferentes concepções doutrinárias que geram problemas de aceitação mútua na hora da celebração eucarística entre as Igrejas do CONIC. O próprio CONIC envida esforços para amenizar o problema.

O terceiro capítulo será a Eucaristia como problema ecumênico no CONIC. Nele, apresenta-se a história dos progressos ecumênicos no âmbito da celebração eucarística. Serão também comparadas diferentes maneiras de ver a Eucaristia segundo as entrevistas que foram colhidas entre alguns líderes das igrejas do CONIC e, por fim, incluídas algumas reflexões sobre a possibilidade de uma eucaristia ecumênica.



## 1 O SAGRADO, A DIVERSIDADE RELIGIOSA E O ECUMENISMO



A regra de Ouro, de Norman Rockwell (1894-1978), ilustra o tema fundamental de todas as religiões: fazer pelos outros o que faríamos por nós mesmos.

“Na verdade é justo e necessário, é nosso dever e salvação dar vos graças, sempre e em todo lugar, Senhor, pai Santo, Deus eterno e todo-poderoso, por Cristo, Senhor nosso.

Por ele nos levastes ao conhecimento da verdade, a fim de nos tornarmos o seu corpo, pelo vínculo da mesma fé e do mesmo batismo. Por ele, destes as todas as nações o vosso Espírito Santo, fonte da variedade e de unidade, que habita nos vossos filhos e filhas de adoção, e governa toda a Igreja com a plenitude de sua presença. Unidos a multidão de anjos e dos santos, proclamamos vossa bondade, cantando (dizendo) a uma só voz” (Prefácio pela união dos cristãos- Igreja Católica Romana. Manoel, 1985, p. 537).

## 1.1 EXPERIÊNCIAS DO SAGRADO E DIVERSIDADE RELIGIOSA

A experiência religiosa é fundamentada no encontro com o Sagrado. É um encontro com um ser infinitamente diferente do ser humano, é o *ganz Andere*, no falar de Otto. Segundo afirmação de Eliade (1996, p. 16),

“o Sagrado manifesta-se sempre como uma realidade de uma ordem inteiramente diferente da das realidades ‘naturais’. É certo que a linguagem exprime ingenuamente o tremendum ou a majestas, ou o misterium fascinans mediante termos tomados de empréstimo ao domínio natural ou à vida espiritual profana do homem. Mas nós sabemos que esta terminologia analógica é devida justamente à incapacidade humana de exprimir o *ganz Andere*, a linguagem apenas pode sugerir tudo o que ultrapassa a experiência natural do homem mediante termos tirado desta mesma experiência natural”.

As religiões querem interpretar suas experiências com o Sagrado e fazer também o outro experimentar essa força incrível do Deus que se manifesta (hierofania). Como afirma Otto (1985, p. 18),

“Só uma expressão se apresenta capaz de exprimir a coisa: é o sentimento do misterium tremendum, do mistério que faz tremer. O sentimento que ele irradia pode se espalhar na alma como um calafrio. É a onda de quietude de um profundo recolhimento espiritual. Esse sentimento pode transformar-se também num estado de alma constantemente fluído, semelhante a uma ressonância que se prolonga por muito tempo [...].”

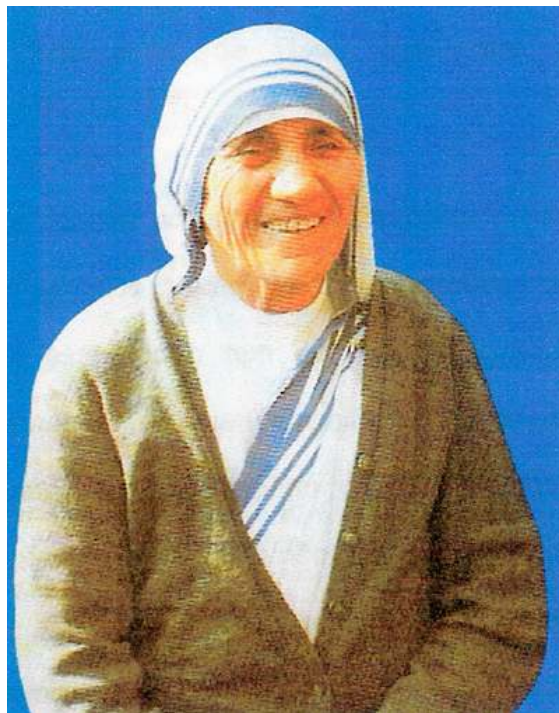
O sentimento da experiência mística religiosa é experimentado por indivíduos que compõem uma certa religião. Certamente, cada um exprimirá a sua experiência de maneira diferente segundo as coordenadas de sua cultura e linguagem. Assim, dá-se origem à diversidade religiosa. Os místicos experimentam e fazem discípulos que, mais cedo ou mais tarde, provavelmente, fundarão uma nova religião, nascendo, assim, mais uma expressão religiosa entre outras antigas, que se deseja exprimir, divulgando a sua doutrina, fazendo novos adeptos e trabalhando para a libertação total do ser humano. Como afirma Durkheim (1989, p. 67), "Observemos inicialmente que, em todas essas formulas, é a natureza da religião, em seu conjunto, que se procura exprimir diretamente". Cada uma dessas religiões –no caso, a religião cristã, que mais aprofundaremos – quer ser respeitada. Surge, então, a necessidade de abertura ecumênica. Segundo Berger (1985, p.153),

"O 'ecumenismo', porém no sentido de uma colaboração amigável cada vez mais estreita entre os diferentes grupos envolvidos no mercado religioso. É exigido pela situação pluralista como um todo e não apenas pelas afinidades sociopsicológicas do pessoal burocrático religioso. Essas afinidades asseguram, pelo menos, que os rivais religiosos são vistos não tanto como 'o inimigo', mas como companheiros com problemas semelhantes. Isso, obviamente, torna a colaboração mais fácil. Mas a necessidade de colaboração deve-se à necessidade de se racionalizar a própria competição na situação pluralista".

Desde o início das organizações ecumênicas, existem pessoas procurando a unidade das Igrejas mediante o diálogo doutrinal e o culto. Ao mesmo tempo, existem também pessoas que não acreditam neste método. Elas insistem em afirmar

que o caminho para a unidade torna-se real quando as Igrejas se colocam unidas a serviço do mundo, por intermédio dos trabalhos sociais, realizando, assim, a justiça e a paz. Hoje, torna-se cada vez mais claro que é necessário unir as duas dimensões, toda a vida cristã está ligada pelo amor prestado como testemunho de Jesus. Para aprofundar esta missão, é necessário aprofundar também o diálogo religioso (Barros, 1995, p. 39).

## 1.2 DEFINIÇÃO DE ECUMENISMO



“Madre Teresa de Calcutá a mais pura expressão de um cristianismo junto ao Jesus dos Evangelhos. Poderia ter vivido nos dias da Páscoa, quando o senhor entrou em Jerusalém acolhido festivamente e depois agredido pela mesma multidão, ofendido e denunciado e mandado a morte em lugar de Barrabás.

Poderia ter sido uma das mulheres que acorreram ao sepulcro e, encontrando Jesus, encheram-se de esperanças e foram

avisar os apóstolos, alguns dos quais se mostraram céticos quanto à ressurreição.

Poderia ter vivido na época dos grandes conflitos religiosos, quando o cristianismo passou pela trágica ruptura do protestantismo, as divisões das igrejas orientais: e ela estaria lá, a postos onde fosse mais grave o grito dos perseguidos, dos aflitos e dos pobres, para levar a esperança, restituir dignidade à fé, para trazer ao mundo imagem do Redentor, da sua caridade, da sua justiça e da sua paz.

Ainda está entre nós, num sacrifício que lembra o de Maria, que deixa em toda parte um sinal de amor e sobre tudo um testemunho de Deus vivo entre nós”. (Bíblia Sagrada, 1979, p. 774).

Atualmente, a palavra ecumenismo e, especialmente, o adjetivo ecumênico são usados em dois sentidos diferentes. Em expressões como pátria-ecumênica ou concílio ecumênico, esse termo tem um antigo significado ligado aos gregos clássicos em que *oikoumén* (*oikumenê*) significa o mundo habitado, em particular da cultura grega ou romana, o próprio império romano bizantino, e, mais tarde, o mundo cristão unido ao império romano ainda não dividido. Só a partir do período de 1920-1930, os termos ecumenismo e ecumênico começaram a ser utilizados correntemente para mostrar o movimento que trabalha para a unidade dos cristãos. Muitas vezes, o termo é usado num sentido amplo para indicar todo tipo de esforço em prol da unidade entre as religiões ou entre as nações. Contudo, neste trabalho, o termo será utilizado em seu atual sentido, designando os esforços em prol da unidade das Igrejas Cristãs separadas que se encontram no movimento do Conselho Nacional das Igrejas Cristãs do Brasil (Conic), mostrando que os esforços dos cristãos têm uma meta clara: a comunhão plena dos cristãos em Cristo, centro e fonte de toda a unidade das igrejas (Hortal, 1996, p. 247).

O Concílio Vaticano II, em seu documento *Unitatis Redintegratio* (UR), descreveu o movimento ecumênico da seguinte forma:

“Um número cada vez maior de pessoas foi tocado por essa graça. Surgiu assim, entre os irmãos separados, por inspiração do Espírito Santo, um movimento a favor da restauração da unidade entre todos os cristãos. Desse movimento a favor da unidade, denominado ecumênico, participam todos os que invocam o Deus Trino, confessam que Jesus é Senhor e Salvador, não de cada um de nós em separado, mas das comunidades em que estamos reunidos, em que se ouve o Evangelho, nossa Igreja e de Deus. Embora de maneiras diversas, quase todos aspiram a uma Igreja una, visível, universal de fato, enviada a todo o mundo para que o mundo se converta ao Evangelho e assim seja salvo, para a glória de Deus” (CONCÍLIO..., 1998).

O documento indica, portanto, algumas características essenciais do movimento ecumênico, como sua referência à obra do Espírito Santo, seu caráter comunitário e eclesial e sua orientação missionária. O Espírito Santo opera além das fronteiras de cada igreja e as conduz à unidade para a salvação do mundo. Por causa de suas raízes pneumatológicas e eclesiológicas, a dimensão ecumênica faz parte de toda reflexão teológica.

### 1.3 HISTÓRIA DO MOVIMENTO ECUMÊNICO NA EUROPA NO SÉCULO XIX

A história da desunião pesa gravemente na história das igrejas cristãs. Contudo, nunca os cristãos aceitaram com consciência tranqüila essa situação, sempre existiram tentativas de reconciliação e de restabelecimento da unidade.

Pode-se lembrar das frustradas tentativas dos Concílios de Lião (1274) ou de Florença (1439), que aconteceram especialmente na busca da união com as igrejas orientais, e da influência do espírito de D. Erasmo sobre os colóquios religiosos na Alemanha e na França durante a Reforma Protestante. Apesar de tudo isso, somente no século XX o escândalo da divisão entre os cristãos foi completamente reconhecido. Alguns acontecimentos da história colaboraram para o amadurecimento desta consciência, como os movimentos filantrópicos internacionais do século XIX, os movimentos estudantis de jovens de várias denominações cristãs e a difusão da idéia missionária no mundo protestante (Enciclopédia..., 1987, p.3576-9).

Verdadeiramente, foi a Conferência Mundial entre as Igrejas Protestantes, realizada em Edimburgo, no ano 1910, que marcou o início do ecumenismo moderno. Como consequência desta conferência, foi fundado, em 1921, o *International Missionary Council* (Conselho Missionário Internacional) para promover a solidariedade dos cristãos em escala mundial e a unidade de propósitos e de ações na obra da evangelização. Logo foi fundado também o *Faith and Order* (Movimento de Fé e Constituição), que surgiu para enfrentar os problemas teológicos que haviam sido conscientemente omitidos em Edimburgo, mas que continuavam a provocar tensões. Esse movimento também organizava conferências mundiais, sendo a primeira realizada em 1927, em Lausanne, e a segunda, em Edimburgo, no ano de 1937. Em virtude da preocupação de um bispo luterano de Upsala, chamado Nathan Soderblom (1866-1931), em favor da paz nas vésperas da primeira Guerra Mundial (1914-18), a terceira conferência, de primordial importância, chamada *Universal Christian Conference on Life and Work* (Conferência Mundial de Cristianismo Prático) foi realizada em Estocolmo, em 1925.

Esses movimentos foram fundados com o objetivo de servir da melhor forma à unidade mediante um interesse e colaboração comuns em prol da paz e da justiça. Existiam, ao mesmo tempo, outros grupos que, juntos com estes setores principais, trabalhavam em favor de uma aproximação entre os cristãos. Em 1937, houve a junção de *Faith and Order* com o Conselho Ecumênico das Igrejas (CEI).

O *Internacional Missionary Council* decidiu não entrar oficialmente naquele momento como membro do novo Conselho, mas passou a trabalhar em estreita união com ele. Os três elementos – doutrina, serviço e missão – que deram vida ao CEI permaneceram atuantes nas evoluções do Conselho, que continuava a efetuar seus programas no interior da única estrutura do CEI, convocando, por exemplo, sua conferência mundial específica (Enciclopédia..., 1987, p.3576-9).

É justo afirmar que a Igreja Católica Romana começou a mostrar seu interesse pelo movimento ecumênico nos primeiros anos da década de 1960, com a fundação do Secretariado para a União dos Cristãos, que teve como primeiro presidente o Cardeal A. Bea (1881-1969). A Igreja Católica Romana enviou observadores oficiais à Assembléia Geral do Conselho Ecumênico das Igrejas, realizada em Nova Delhi, em 1961, e, mostrando cada vez mais o seu interesse no assunto, convidou observadores não-católicos para o Concílio do Vaticano II, passando, com tudo isso, a fazer parte de um movimento já existente. Antes disso, por muitos anos, ela mostrara-se fechada para o assunto. A prova disso era a encíclica do Papa Pio XI *Mortalium Animos*, de 6 de Janeiro de 1928, demonstrando uma certa recusa oficial de colaborar no assunto do ecumenismo. Esta postura continuou inalterada até 1960, apesar da instrução do *De Motione o ecumênica*, do Santo Ofício, de 20 de dezembro de 1949, já ter manifestado uma pequena abertura.



Esse ingresso da Igreja Católica no Conselho já havia sido preparado pelos trabalhos de muitos ecumenistas católicos, como Y. M. Congar (1904), P. Couturnier (1881-1953), M. Pribilla (1884-1956) e L. Beauduin (1873-1960). É importante lembrar também da Conferência Católica Para as Questões Ecumênicas, da qual J. Willebrands foi secretário. Sem dúvida alguma, a abertura da Igreja Católica nas questões ecumênicas foi significativa e proveitosa para todo o movimento do ecumenismo. Mediante documento conciliar, o Vaticano II apoiou os esforços ecumênicos fazendo que o ecumenismo começasse a integrar, como nunca, as prioridades oficiais da Igreja Católica como também de outras Igrejas.

A entrada da Igreja Católica romana mudou o panorama do ecumenismo, fazendo com que os diálogos bilaterais entre as confissões e as Igrejas passassem a ter uma grande importância. Alguns dos diálogos mais frutuosos em âmbito mundial são: a Comissão Mista Internacional para o Diálogo Teológico entre a Igreja Católica e a Igreja Ortodoxa, a Comissão Internacional para o Diálogo Teológico que existe entre a Igreja Católica Romana e a Igreja Ortodoxa e a Comissão Internacional Anglicana e dos Católicos Romanos (Arcic). ( Enciclopédia Mirador, 1987, ibidem)

#### 1.4 CRISTIANISMO E DIVERSIDADE RELIGIOSA NO BRASIL NO SÉCULO XVI A XX

Neste capítulo, tentaremos falar um pouco sobre o pluralismo religioso no Brasil, mostrando a história ou mesmo as origens da diversidade religiosa e eclesial no Brasil.

Segundo a palavra do Papa João Paulo II na encíclica *Redemptoris missio*, o pluralismo é uma realidade que marca o comportamento religioso das sociedades do nosso tempo como um fenômeno complexo e em contínua mutação.

O tempo mudou, não existe mais o catolicismo romano com sua hegemonia basal como se encontrava na Idade Média. Juntamente com as religiões clássicas e tradicionais, levantaram-se quase todos os dias e horas novas Igrejas, com doutrinas próprias e bastante diferentes. Esse é um fenômeno que suscita questionamentos das causas dessa variedade que parece não ter fim. Sem dúvida alguma, essa realidade de pluralismo religioso influencia a vida dos cristãos no Brasil que tentam, de alguma maneira, responder ao desejo do seu Divino Mestre e Fundador, que reza "Pai, para que todos sejam um..." (Jo 17,21 ).

#### 1.4.1 A Religião dos Índios

A religiosidade existia no Brasil antes mesmo da chegada dos portugueses. Nesta terra de Santa Cruz, bem antes de assim ser chamada, existia o pluralismo religioso de diferentes nações indígenas, "cada uma com um modo próprio de expressar o sentimento religioso" (Santa Ana *apud* Wolff, 2000, p. 13) .

Diferentes povos viviam no Brasil, como os animaras, tupis, guaranis, astecas, tottecas, zapotecas, maias, quéchuas e tantos outros, cada um com o seu modo de viver e de crer. É verdade que existem traços comuns entre as crenças indígenas, como a procura por uma terra "sem males", que significa a idéia da existência de um paraíso terrestre. Segundo Metraux (1979, p. 177),

“Os guaranis modernos vivem persuadidos da próxima destruição da terra, considerando toda catástrofe de que tem

notícia como signo prenunciador do desastre. Quando os sonhos, visões ou simples fenômenos naturais insólitos fazem pressentir a algum feiticeiro a aproximação do perigo, este, seguindo o exemplo de ‘Guyraypoty’, procura escapar-se-lhe, reunindo em torno de si e sob a sua direção os mancebos, que se entregam ao jejum e a dança; todo um ano consagrado à dança mal chega para revelar a orientação ou caminho a seguir. Reinam a respeito da situação da ‘terra sem mal’ duas opiniões divergentes: alguns a localizam no centro da terra no próprio sítio onde o criador construiu sua morada e abateu a mata a fim de preparar os campos maravilhosos, que dão abundantes colheitas algumas horas após a sementeira. Pessoas competentes, entretanto, estão de acordo em assegurar que a ‘terra sem mal’ fica situada para o este além do mar. A conjuntura dessas últimas pareceu ter prevalecido, pois foi sempre o oceano que os tupis, migrando à procura do paraíso, se propuseram atingir.”

No meio da religião indígena tupã, existe um lugar especial tido como contrário do princípio de bem, o Anhangá, que é o causador do mal. Encontram-se também outras divindades, como o Boitatá, o Caipora, o Curupira etc. Eles desempenham o papel de assegurar as atividades do mundo, cada um tendo o seu papel específico. Segundo Melo *apud* Wolff (2000, p. 14),

“Existe ainda a crença em heróis míticos, criadores ou transformadores de acidentes geográficos, animais e plantas. Em regra geral, as tribos indígenas crêem que cada ser humano possui um espírito, uma alma, divergindo, porém, da noção cristã sobretudo no fato de acreditarem que também os seres e animais das florestas têm cada qual o seu espírito.”

Podemos até afirmar a existência de um certo tipo de hierarquia na religião indígena. Segundo Wolff (2000, p. 14),

“a Organização estrutural da religião indígena resume-se na existência de um sacerdote – o pajé –, que acumula três funções: 1) Sacerdotal, agindo como mediador entre a tribo e as divindades; 2) Medicinal, como curandeiro, pelo seu profundo conhecimento das ervas medicinais e o contato com os espíritos colaboradores; 3) Juiz, responsável pelas decisões sobre questões de convivência da tribo. O sacerdote que preside o culto às divindades também dirige o culto aos mortos, o que muitas vezes faz com que religião e magia se confundam”.

#### 1.4.2 A Religiosidade Africana

Vemos que perdura até os dias atuais o elemento da religiosidade africana no Brasil, vindo dos escravos trazidos da África pelos portugueses. Os africanos, arrastados pelos europeus para o Brasil desde o século XVI, vieram de uma ampla região africana designada *Arminé*, que corresponde a toda costa ocidental africana entre Senegal e Orange, compreendendo, além dos países que posteriormente passaram a se chamar as Guinéas portuguesas e espanholas, os países atuais da ponta da África mais próxima ao Nordeste brasileiro, que são Libéria, Costa de Marfim, Togo, Gana, Daomé, Nigéria, bem como as Ilhas da Capo Verdes, São Tomé e Príncipe.

Costuma-se dividir os africanos vindos ao Brasil em dois grandes grupos que correspondem aos diversos ciclos do tráfico escravagista: os sudaneses e os bantos. Pela simples enumeração das etnias que chegaram ao Brasil e pela breve descrição

histórica das áreas do tráfico, pode-se observar a variedade dos elementos religiosos que penetraram no Brasil durante os séculos da escravidão.

As religiões afro-brasileiras, que se encontram em diferentes partes do Brasil, são: Candomblé da Bahia, Umbanda carioca, Pajelança da Amazônia, Batuque do Rio Grande do Sul, o Catimbó do Nordeste, Xangô de Pernambuco e outros remanescentes da macumba. Suas divindades são: Exu, Olorum, Olodumará, Orixás, Oxalá, Obalalá, Imaja, Nana, Buruku, Ogun, Oxossi, Olokun etc. Retirando a região do Maranhão onde o daomeano dominou, todo norte do Brasil, a começar da Amazônia às fronteiras de Pernambuco será o domínio do índio. Bastide (1989, p. 243).

Essas divindades têm suas diferenças segundo a diversidade de cada religião. Não obstante as grandes diferenças entre as várias religiões afro-brasileiras, existem também traços comuns: idéias 'reencarnacionistas' – após a morte, a alma retorna ao país de seus ancestrais; o *monotéis* – um deus único é a origem e o sustentador dos orixás, dos homens e dos outros seres, manifestando seu poder de modo especial na natureza e seus fenômenos; o 'fenômeno da possessão' – transe pelo qual acredita-se que o divino visita este mundo (Wolff, 2000, p. 16-7).

## 1.5 ESFORÇOS ECUMÊNICOS NO BRASIL

Segundo o Concílio Vaticano II, falando sobre a divisão dos cristãos,

"Muitas comunidades cristãs se apresentam aos homens como sendo a herança verdadeira de Jesus Cristo. Todos, na verdade, se professam discípulos do Senhor, mas tem

pareceres diversos e andam por caminhos diferentes, como se o próprio Cristo estivesse dividido (1Cor1,13). Esta divisão, sem dúvida, contradiz abertamente a vontade de Cristo, e se constitui um escândalo para o mundo, como também prejudica a santíssima causa da pregação do Evangelho a toda criatura” (UR *apud* Hortal, 1989, p. 23).

A história dos esforços pela unidade é o resultado da percepção sobre quanto a divisão dos cristãos impede o testemunho do Evangelho. Será que é a própria fraqueza do mundo que vem invadindo a comunidade cristã? "Somente se pode atribuir ao mover do Espírito de Deus em meio às dores vividas pelas igrejas num mundo que crescentemente sofre uma alucinante e galopante autodestruição" (Mattos *apud* Wolff (2002, p. 76).

Iniciaremos agora a análise da história dos progressos específicos feitos rumo à unidade dos cristãos pelo trabalho realizado pelas igrejas que compõem o Conic, apresentando também as iniciativas que mais concretamente contribuíram para esse objetivo.

Observam-se três grandes tempos no movimento ecumênico no Brasil: o primeiro aconteceu exclusivamente entre as Igrejas protestantes, nos anos de 1903 a 1960; o segundo, com a participação dos católicos e anglicanos de 1960 a 1982; e o terceiro surgiu com a formação do Conic no ano de 1982 até os dias atuais.

### 1.5.1 Os Missionários Protestantes como Pioneiros Ecumênicos

Os protagonistas do movimento ecumênico no Brasil foram os missionários protestantes. Esses missionários vieram pregando a herança comum e dando maior ênfase à conversão pessoal, tendo sido o fato marcante deles a oposição ao

catolicismo romano e a unificação dos projetos de evangelização. Podemos dividir o período da atuação protestante em três momentos diferentes, a saber: com a Aliança Evangélica Brasileira (AEB), que se iniciou em 1903; com a Comissão Brasileira da Cooperação (CBC), que se iniciou em 1920 e, iniciando-se em 1934, com a Confederação Evangélica Brasileira (CEB).

A primeira entidade ecumênica criada no Brasil, em São Paulo, foi a AEB. Essa entidade, iniciada em julho de 1903, teve como principal inspirador o metodista norte-americano Hugh Clarence Tucker (1857-1956). Sobre ela, Wolff (2002, p. 77) afirma que "além do objetivo de lutar contra o 'papismo' e promover os interesses do cristianismo escriturístico, a Aliança visava também descobrir um dominador doutrinário comum aos cristãos evangélicos". Os formadores da AEB, buscando consolidar os seus princípios, fizeram sete artigos apresentando a sua concepção, sem fundamento doutrinal. No primeiro artigo, a Aliança é vista como:

“Um ramo da aliança evangélica Universal que tem por finalidade realizar no Brasil os intuitos espirituais desta. Ela é, pois uma organização que visa realizar de modo visível a união substancial das igrejas evangélicas no Brasil, e a comunhão dos santos na vida e marcha da Igreja de nosso Senhor Jesus Cristo sobre a Terra. União dos corações e dos esforços de todos os crentes evangélicos no Brasil, sem qualquer intervenção na economia ou liberdade de ação das diversas denominações evangélica... (AEB *apud* Wolff, 2002, p. 78).

A aliança teve a consciência de ser instrumento para a criação de uma união concreta das igrejas evangélicas, sendo a primeira tentativa de unidade dos cristãos protestantes no Brasil. São dez os seus objetivos:

- ”1. a inspiração, autoridade e suficiência das Santas Escrituras;
2. o direito e o dever do juízo privado na inspiração das Santas Escrituras;
1. a unidade de Deus e a trindade de pessoas na Divindade;
2. a total depravação da natureza humana em consequência da queda;
3. a encarnação do filho de Deus, sua obra expiatória pelos pecadores; sua intercessão mediadora a seu Reino;
4. a justificação dos pecados pela fé somente;
5. a obra do Espírito Santo na conversão e santificação do pecador;
6. a imortalidade da alma, a ressurreição do corpo, o julgamento do mundo por nosso Senhor Jesus Cristo, com a bem-aventurança eterna dos justos e a punição eterna dos maus;
7. A divina instituição do ministério cristão, a obrigação e a perpetuação das ordenanças do Batismo e da Santa ceia;
8. A vigência do decálogo na totalidade de seus artigos.”  
(AEB *apud* Wolff, 2002, p. 78).

Os conteúdos apresentados nos itens 2, 4, 6 e 9 apresentam obstáculos no diálogo com os católicos. Verdadeiramente, na tradição protestante, a Sagrada Escritura foi sempre o único instrumento da pregação e vivência cristãs e sua interpretação depende do entendimento e da inspiração de quem a lê. Aqui está a grande diferença de fé com a Igreja Católica Romana, em que, segundo a *Dei verbum*, 10, e *Lumen Gentium*, 25, a interpretação escriturística é reservada exclusivamente ao magistério eclesiástico.

Os citados itens 4 e 6 já recebem a influência do calvinismo em seu pessimismo com relação à natureza humana. A união das Igrejas Cristãs é mostrada



no item 9, por meio da comunhão sacramental, mas somente em dois sacramentos, o do batismo e da santa ceia, como é tradição desde a Reforma.

A unidade que os membros da Aliança buscavam era exclusivamente entre os evangélicos, tal como o nome sugere, deixando de lado a Igreja Católica, tanto por razões históricas quanto doutrinárias, a tentativa de união com o catolicismo romano era um pensamento extremamente remoto.

Segundo Tiel (*apud* Wolff, 2002, p. 79),

“Entre os resultados positivos da Aliança para a missão protestante, destaca-se a fundação da Associação das Escolas Dominicais, em 1911, a primeira associação que abrangia o Brasil inteiro e à qual se afiliaram vários pastores de diversas Igrejas evangélicas; o incentivo à cooperação intereclesial, sobretudo através da publicação dos periódicos de lições comum para a escola dominical; e a elaboração conjunta de programas educacionais, a partir de 1912. Em 1918, a Associação foi transformada no Conselho Evangélico de Educação Religiosa no Brasil.”

#### 1.5.2 Comissão Brasileira de Cooperação (CBC)

A Comissão Brasileira de Cooperação (CBC) foi criada pelos evangélicos para supervisionar os assuntos ecumênicos, estudando as condições e necessidades de cooperação, com a função de convocar e preparar os congressos de discussão sobre objetivos e métodos de cooperação ecumênica para incentivar o trabalho educativo, visando a administração conjunta de um seminário teológico ou uma escola civil. A CBC criou também a divisão do território, facilitando a abrangência de todo o país, sem ocorrer a invasão de um grupo pelo outro. Essa

entidade ecumênica foi proposta pela Conferência do Rio de Janeiro, sendo constituída em 1918, iniciando a sua atuação em 1920, e teve como primeiro presidente Erasmo Braga, um pastor presbiteriano. Segundo Tiel (*apud* Wolff, 2002, p.81-2), a finalidade da CBC é:

“[...] representar as diversas denominações existentes no país, com as seguintes tarefas e poderes:

1. Nome único Igreja Evangélica no Brasil, para todas as confissões que a integravam;
2. Poder de decisão definitiva em todas as questões de denominação;
3. Adotar novas estratégias missionárias especialmente para áreas até então não assistidas, para evitar interferências e duplas ações missionárias;
4. Esforços conjuntos na área da educação;
5. Planejamento e organização de congressos religiosos.”

Essa comissão realizou várias obras com grande sucesso no mundo evangélico, como exemplo, segundo Wolff (2002, p. 82) "Analisando os trabalhos de comissão, constata-se que as iniciativas lograram um relativo sucesso, chegando a fundar um seminário unido o que funcionou por poucos anos".

A tentativa de melhor organização ou até de reunir todas as igrejas evangélicas no Brasil numa única Igreja sempre foi a preocupação da CBC, como afirma Reily (*apud* Wolff, 2002, p 82),

“A união orgânica das várias Igrejas evangélicas no Brasil [...] Transportar estas terras missionárias as múltiplas denominações que nasceram entre outros povos, parece quase

um crime da unidade da Igreja de Cristo e a oração intercessória do Senhor.”

### 1.5.3 Conferência Evangélica Brasileira (CEB)

As razões da fundação desta Confederação são, segundo Braga (*apud* Wolff, 2002, p. 83):

“As Igrejas Evangélicas do país chegaram ao grau de desenvolvimento em que se fez necessário decidir entre desintegração, ou federação. O movimento reacionário que agora procura introduzir na nova constituição do país algumas restrições sobre a liberdade religiosa, apressou o movimento pró-federação. É obvio que tal federação poderia falar à nação em nome das Igrejas nacionais, expressando o pensamento comum de milhares de evangélicos sobre assuntos públicos e particularmente em defesa da liberdade religiosa. As suspeitas que existem quanto às missões estrangeiras e a crescente maré do nacionalismo, tornam muito oportuna a organização de uma federação nacional.”

A CEB era, na época em que foi fundada, o maior organismo ecumênico do país no diálogo interprotestante, tendo presbiterianos na direção. Segundo Amaral citado por Reily (*apud* Wolff, 2002, p. 84), sua principal finalidade era

“cultivar um conceito elevado e largo do cristianismo- conceito que importe em dar supremacia à idéia do Reino de Deus, que significa a soberana preocupação dos grandes interesses que preocuparam o mestre, e que se traduza na atenuação do ‘eclesisticismo’ erigido em padrão supremo.”

Na organização interior da CEB, existiam três tipos diferentes de membros:

“efetivos: Igrejas e instituições evangélicas; correspondentes: organizações e federações; e colaboradores: congregações locais que não faziam parte de nenhuma federação de Igrejas. Possuía ainda três conselhos encarregados de execução das atividades programadas” (Wolff, 2002, p. 85).

Na CEB, a atuação dos conselhos era um elemento importante, como mostra o Concílio Geral da Igreja Metodista, realizado em 1938:

“[...] no terreno das relações com os governos (das Igrejas) encaminhou os assuntos: a freqüência dominical de atos escolares, ensino religioso, movimento comunista, casamento religioso, perseguições religiosas [...] a Santa Ceia em comum. O conselho de cooperação tratou da campanha de espiritualidade [...] tanto no aspecto da piedade, como da evangelização e ação social [...] um *modus vivendi* que regule as relações entre Igrejas e missões na ocupação do campo e relações mútuas. O conselho de educação religiosa publicou nove revistas diferentes [...] para lições dominicais [...] três cursos para escolas bíblicas de férias, e já está iniciada a biblioteca de educação religiosa” (Concílio... *apud* Wolff, 2002, p. 85).

Em 1938, a preocupação missionária motivou a CEB a elaborar um *modus vivendi* para as confissões e missões com a finalidade de evitar contradições no trabalho missionário, duplicação de atividades e concorrência entre as sociedades missionárias:

“Igrejas e missões filiadas à Confederação Evangélica do Brasil, desejosas de concorrer para o cultivo da fraternidade cristã e para a extensão do Reino de Deus, estabelecem entre si [...] a eliminação de atritos [...] maior extensão da obra comum [...] eliminação de litígios nas relações gerais mútuas [...] Nas cidades em que haja trabalho evangélico regular e efetivo, as cooperações contratantes não estabelecerão novo trabalho” (CEB *apud* Wolff, 2002, p. 86).

A CEB escreveu muitas cartas-circulares tratando questões sociais como educação, projetos políticos, problemas da terra e campanhas em situações de emergências particulares. Ela também, em 1961, criou o Centro de Educação Brasileiros, que foi gerenciado pelo seu setor de responsabilidade social, liderado pelo metodista Almir dos Santos. Esse setor realizou na grande cidade de Recife, em 1962, a Conferência do Nordeste, uma atividade social de grande popularidade na história da CEB. Essa realização significou a intensificação na integração das denominações protestantes com a sociedade brasileira, aumentando a sensibilidade para com seus problemas, o desenvolver da dimensão social da fé e a conscientização do ecumenismo no Brasil. Assim, o processo de evangelização nas igrejas protestantes recuperou uma força nova, movida pelos questionamentos vindos do contexto social.

A CEB pretendia realizar uma análise da conjuntura em âmbito nacional, com o conseqüente compromisso dos cristãos, fixando-se em três dimensões: a) base teológica da responsabilidade social da igreja; b) interpretação dos movimentos sociais e ideológicos; c) posição das igrejas em relação a problemas centrais como reforma agrária e desenvolvimento. Ao lado de tudo isso, crescia uma nova mentalidade de evangelização: o tema de Reino de Deus continuava firmando-se

como o ponto central de tudo; as interpretações bíblicas abriam-se para uma nova dimensão; conhecer a sociedade ficou indispensável para quem quisesse elaborar uma teologia; a tentativa de vinculação igreja/sociedade, fé/compromisso social, ecumenismo/promoção humana começou a ficar muito clara. Esses fatos indicam que, neste momento do ecumenismo no Brasil, a iniciativa de cooperação prática no serviço à sociedade e o ser humano tendem a ser mais fortes do que a procura da harmonia doutrinal na compreensão da fé cristã.

As mudanças no setor da política advindas da ditadura militar no Brasil a partir de 1964 provocaram problemas sérios para a existência da CEB. Ela acabou perdendo alguns de seus membros, bem como alguns departamentos seus fecharam suas atividades em virtude da situação financeira precária que fez com que o aparato administrativo central fosse reduzido a um mínimo. A situação piorou no ano 1980, quando se agravou o estado de tensão entre as lideranças da CEB e algumas igrejas a ela filiadas. Assim, a entidade foi, aos poucos, deixando de ser um referencial para o diálogo interconfessional e perdendo a razão de sua existência, com o crescimento do diálogo ecumênico se dando em outros níveis, incluindo também o da Igreja Católica Romana. Atualmente, a CEB ainda existe, contudo, em 1987, um grupo de deputados advindos das denominações pentecostais a reabilitaram, fazendo-a abandonar sua inspiração ecumênica original e utilizando-a como espaço de articulação de forças contra o ecumenismo (Wolff, 2002, p. 88).

#### 1.5.4 Ecumenismo Metodista

A Igreja Metodista procurou desenvolver o espírito ecumênico incentivada pela visão universal das obras do seu fundador, João Wesley, que pretendia uma

fraternidade universal. Segundo ele, "Se teu coração é reto perante Deus como é o meu coração; se amas a Deus e a toda a humanidade, não peço mais: 'Dá-me a tua mão'". (Wesley *apud* Wolff, 2002, p. 90). Desde a década de 1960, a Igreja Metodista criou estruturas que permitiram melhorar o desenvolvimento no diálogo ecumênico, como na Comissão Ecumênica Intereclesiástica, fundada pelo Concílio VII, em 1960, sendo transformada, após o IX Concílio Geral em Comissão Geral de Ecumenismo. Os metodistas, até 1960, dirigiam os seus trabalhos ecumênicos aos protestantes e anglicanos, após o Concílio Vaticano II, com o novo clima criado, começaram também a aproximar-se da Igreja Católica Romana. Os bispos metodistas, vendo a mudança ocorrida após o Concílio Vaticano II, afirmaram que

“incorrerá em erro grave quem julgar a Igreja Católica Romana atual à luz do catolicismo medieval, [...] força é reconhecer que nas atitudes com os outros ramos de catolicismo [...] a mudança foi grande na Igreja Romana” (COLÉGIO... *apud* Wolff, 2002, p. 91).

A Igreja Metodista contribui, assim, para o crescimento do diálogo ecumênico, tornando fortes as relações já existentes e fazendo surgir novos organismos ecumênicos ao lado de tantos outros já existentes. As leis ecumênicas para Igreja Metodista surgem nas decisões conciliares e nas palavras episcopais. A sua posição ecumênica é fundamentada na afirmação de que a Bíblia é o que dá à Igreja a autoridade suficiente para pregar sobre a união dos fiéis em Jesus Cristo. A Igreja se compreende-se como ecumênica por excelência, e que Deus a comissionou para realizar a aproximação dos cristãos de diferentes denominações uns com os outros e de todos entre si. Em seus ensinamentos sociais, o metodismo acredita que existe uma obediência cristã imperativa à unidade: a vocação para a unidade é uma parte

da missão da Igreja perante o mundo, segundo as Escrituras; a missão da Igreja é fundamentada em sua fidelidade ao único Senhor Jesus Cristo. Portanto, “a unidade não é um capítulo da Teologia, a unidade da Igreja é Jesus Cristo” (Igreja Metodista *apud* Wolff, 2002, p. 92) O metodismo acredita que a unidade dos cristãos não é algo externo que forças humanas possam realizar, mas uma ação de Deus em Jesus Cristo, como afirmam seus bispos:

“O ecumenismo não pretende a união orgânica das igrejas, mas apenas dar expressão no nível das congregações locais da unidade da Igreja que já existe em Cristo. O ecumenismo, todavia, não fecha as portas à união orgânica dos diferentes ramos da cristandade. Cremos que o Espírito está guiando os vários grupos de cristãos em diversas partes da terra a se unirem numa só comunidade para melhor expressarem a unidade em Cristo e para maior eficácia do testemunho cristão no mundo” (Igreja Metodista *apud* Wolff, 2002, p. 92).

É possível, porém, uma união orgânica das Igrejas que acreditam em Jesus Cristo; isto não é uma utopia, algo além da possibilidade de realização das pessoas humanas como continuam a dizer os bispos metodistas, em uma das suas cartas pastorais:

“O batismo em Cristo é uma realidade inclusiva. Somos ‘judeus e gregos, escravos e livres’. Na carta aos gálatas, Paulo acrescenta ‘homem e mulher’ (Gl 3.27-28) e aos colossenses, bárbaros e citas (Cl 3.11). É importante recordar que os gregos consideravam bárbaros todos os que não eram gregos; os citas eram considerados um povo não civilizado e os judeus, um povo exclusivo de Deus. Todas as divisões humanas, sejam



elas políticas, econômicas, sociais e culturais, são superadas no corpo de Cristo. Qualquer um que aceita o chamado e encontra sua identidade em Cristo deve ser capaz de expressá-la em qualquer raça, gênero, classe ou identidade nacional como uma contribuição para o enriquecimento de todos... Não há hierarquia de importância entre as diferentes partes do corpo. Todos têm seus papéis indispensáveis para o funcionamento pleno do corpo” (COLÉGIO..., 1999, p. 16).

O metodismo pratica o batismo das crianças e celebra a ceia do Senhor usando, em sua celebração, suco não fermentado em vez de vinho. Acredita, como veremos na segunda parte deste trabalho, numa presença puramente “espiritual de Cristo na Eucaristia” (CNBB, 2003, p. 249).

#### 1.5.5 A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB)

A IECLB mostra a sua natureza ecumênica expressando seu vínculo de fé com as igrejas do mundo que professam Jesus Cristo como único Senhor e Salvador.

“A convicção ecumênica da IECLB tem a ver com sua origem no Brasil. Assim como a Igreja Católica Apostólica Romana, esta igreja veio ao Brasil como Igreja de imigrantes e não como Igreja de missão. Por este motivo sempre novo se fazem ouvir vozes que inibem o proselitismo” (Meinrard Piske *apud* Wolff, 2002, p. 94).

“Não pescar em tanques alheios” é uma expressão muito conhecida em toda a Igreja. A abertura ecumênica tem muito a ver com a nossa origem histórica: Lutero não permitia que se falasse de uma Igreja Luterana, insistia em falar de cristandade.

A IECLB tem muito interesse no diálogo ecumênico, contribuindo, dessa forma, para uma grande abertura de relações, levando o diálogo ecumênico mais adiante, ultrapassando o protestantismo missionário. De acordo com o livro *Guia Ecumênico*, escrito pela CNBB,

“IECLB participa no Conselho Nacional das Igrejas Cristãs no Brasil (Conic). Mantém numerosas formas de relacionamento e colaboração com a igreja Católica (CNBB), como uma Comissão Mista Nacional, o intercâmbio de observadores nos Concílios e Assembléias e atuações conjuntas em numerosas ações de caráter social”. (CNBB, 2003, p. 228)

Esta Igreja entrou como membro da Federação Luterana Mundial (FLM) em 1949, do Conselho Mundial das Igrejas em 1950, e, logo em seguida, da Confederação Evangélica do Brasil (CEB). Durante os tempos do sínodo do Rio Grande do Sul, ocorrido em 1886, ela contava com a participação de membros da Igreja Metodista em muitas de suas assembléias.

Não demorou muito para as relações ecumênicas dos luteranos extrapolarem as fronteiras das igrejas evangélicas. Em 1957, alguns professores da teologia luterana participaram do Grupo Ecumênico de Reflexão Teológica (Gert), promovendo o diálogo com representantes do catolicismo romano. A IECLB procurou acompanhar de perto o acontecimento internacional das relações ecumênicas do Conselho Mundial, que ajudou muito no crescimento do ecumenismo no Brasil. Ela também mostrou seu apoio às estruturas ecumênicas do país como a

Comissão Nacional Bilateral Católica Luterana, em 1974, os Encontros de Dirigentes de Igrejas (EDI), em 1975, o Conic, em 1982, e a Comissão Nacional Anglicana Luterana, em 1994.

No protestantismo brasileiro, a IECLB distingue-se como uma das igrejas que possui a maior expressão ecumênica, e, fora do país, ela tem uma estreita relação com organismos internacionais, como a Federação Luterana Mundial. Na América Latina, ela está unida ao Conselho Latino Americano de Igrejas (Clai), do qual o pastor Dr. Walter Altmann foi presidente até o início do ano 2001, sendo, atualmente o vice-presidente. A IECLB prova que valoriza não somente os vínculos históricos, mas vai além em busca de novos parceiros na caminhada ecumênica. Ela encontra em tudo isso um compromisso evangélico, colaborando para que sejam reais instrumentos de realização do desejo de Cristo pela unidade de seus discípulos. A sua postura e experiência no ecumenismo contemporâneo são muito enriquecedoras para o ecumenismo no Brasil, incentivando o diálogo e a cooperação prática, fazendo ao mesmo tempo, a fundamentação teológica do ecumenismo (Wolff, 2002, p. 95).

#### 1.5.6 A Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB)

Segundo Wolff (2002, p. 96), "a primeira igreja não protestante a ingressar no movimento ecumênico no Brasil foi a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil". Como em muitas igrejas cristãs, a IEAB tem uma grande preocupação com a unidade dos cristãos, como afirma um de seus bispos, Baycroft (2003, p. 12):

“[...] os anglicanos constituem apenas uma parte da comunidade cristã mais ampla da Igreja una, santa, católica e

apostólica. Podemos garantir com segurança a validade do jeito de ser anglicano, sem fazer alegações pretensiosas ou exclusivas. Além do Cristianismo, estamos abertos para trocar idéias e experiências com pessoas de outras visões sobre o mundo. Somos sensíveis àquilo que consideramos ser o trabalho do Espírito Santo entre elas. A igreja Anglicana procura ser uma igreja de diálogo, em prol da unidade de todos os cristãos e da própria humanidade. Ao reconhecemos isso reivindicamos a liberdade, o direito e principalmente a obrigação de nos oferecermos para compartilhar a nossa experiência da ação de Deus naquilo que chamamos de ação de comunhão Anglicana, de tradição anglicana ou jeito de ser anglicano”.

De acordo com a conferência anglicana que aconteceu em Lambeth,

“há uma profunda tristeza pela divisão do rebanho de Cristo no mundo inteiro, o qual anseia pela realização plena da oração do Senhor para que a sua Igreja fosse uma, a fim de que o mundo cresse que o Pai o enviou” (Lambeth Quadrilateral *apud* Wolff, 2002, p. 96).

A conferência de Lambeth, em 1888, estabeleceu quatro pontos, chamados Quadrilátero de Lambeth, como pontos-chave para a unidade. São os seguintes: a fé na Bíblia, que tem tudo o que é necessário para a salvação; o credo apostólico, como símbolo batismal, o Niceno, constantinopolitano, como declaração suficiente da fé cristã; os sacramentos do batismo e da eucaristia e o episcopado histórico.(Guia Ecumênico,2003 p.28) Segundo a IEAB, nestes pontos existem base para a unidade de todos os cristãos, pois os anglicanos acreditam que eles mantêm a palavra de Deus e também a tradição da Igreja de todos os tempos. Segundo

Oliveira (1995, p. 59), "No Quadrilátero encontram-se a doutrina e a fé, a ordem, a eclesiologia, a doutrina da Igreja e o seu ministério". Portanto, os anglicanos dizem:

“[...] pertencemos a uma Igreja historicamente relacionada com os primórdios do movimento ecumênico e que possui algo de positivo a contribuir para o mesmo. Não podemos, portanto, renunciar, de sã consciência, ao papel que Deus nos chama a desempenhar neste importante setor de atividades da sua santa igreja” (Bispo Primaz *apud* Wolff, 2002, p. 97).

Em 1966, a IEAB criou a Comissão Ecumênica encarregada de estabelecer relações com outras comunidades cristãs, designando responsáveis liderados pelo Bispo Primaz para organizar encontros pessoais ajudando os anglicanos a participarem em programas de cunho ecumênico.

No ano de 1968, anglicanos e metodistas planejaram formar uma comissão para estudar as diferenças e semelhanças teológicas existentes entre as duas Igrejas. Apesar de não terem concretizado a formação da comissão, realizaram encontros de estudos juntas.

#### 1.5.7 A Entrada da Igreja Católica no Movimento Ecumênico

Podemos dizer que foi o Concílio Vaticano II, em 1960, que acordou a Igreja Católica para sua missão em questões ecumênicas. A prova dessa afirmação foi a presença de cristãos não católicos romanos na assembléia dos padres conciliares e também a publicação do Decreto sobre o Ecumenismo *Unitates Redintegratio*, em 21 de novembro de 1964. Nos documentos do Concílio, observa-se a superação das barreiras ao diálogo, o reconhecimento do cristianismo mundial e, ao mesmo tempo,

a aceitação da contribuição do testemunho protestante na obra de evangelização. Foi assim que a Igreja Católica romana ingressou definitivamente no ecumenismo do nosso tempo.

O *Unitates Redintegratio* (UR) abordou as seguintes questões:

1. A elaboração do significado do ecumenismo na própria Igreja Católica, o reconhecimento do movimento ecumênico como fruto da graça do Espírito Santo (UR, 24).
2. A prática ecumênica com maior acento ao ecumenismo espiritual e cooperação (UR, 5-12; 8-9).
3. As considerações sobre as comunidades eclesiais separadas da Sé Apostólica Romana e a procura de uma compreensão e relacionamento maiores entre os cristãos, fazendo considerações diversas entre as Igrejas do oriente e as comunidades eclesiais do ocidente (Concílio..., 1998, p.265-275).

Falando sobre a liberdade religiosa e a caridade ecumênica, os padres conciliares afirmam:

“Mas é indispensável que se conserve também a liberdade, de acordo com a função de cada um, nas várias formas de vida espiritual, de disciplina e até de elaborar teologicamente a verdade revelada. Mas, sobretudo e em tudo, cultive-se a caridade, pois só assim se manifestarão plenamente, em nossos dias, a catolicidade e a apostolicidade da Igreja” (Concílio..., 1998, p. 264).

Explicar o papel do Espírito e seus dons na unidade da Igreja é mostrado pelo decreto por meio dos elementos reais da unidade, que são: os laços da estrutura na profissão de fé, na economia dos sacramentos e no ministério da vida pastoral. Tudo

isso gira ao redor do mistério da ceia do Senhor, ponto central desse trabalho, e também ápice da fonte e expressão da unidade da Igreja, como afirma o mesmo Decreto:

“Também instituiu na Igreja o admirável sacramento da eucaristia, significando e efetuando a unidade da Igreja. Deu a seus discípulos o novo mandamento do amor recíproco e lhes prometeu de maneira definitiva enviar o Espírito Santo, Senhor e doador da vida” (Concílio..., 1998, p. 260).

A missão da hierarquia apostólica, concretamente o papado, é confirmar na fé e pastorear na unidade o rebanho de Jesus Cristo (UR, 2). A questão da divisão da Igreja é abordada pelo decreto no item 3. Segundo ele, apesar da divisão provocada pelo pecado, a Igreja de Jesus Cristo continua una e os cristãos não católicos mantêm certos laços de unidade com a única Igreja e que também há elementos eclesiais nas comunidades cristãs não-católicas. O item 4 define o movimento ecumênico como "as atividades e iniciativas que, segundo as variadas necessidades da Igreja e as características da época, se suscitam e se ordenam a favor da unidade dos cristãos". Segundo o Decreto, verdadeiramente existe divisão na Igreja, mas ao mesmo tempo, os irmãos das comunidades eclesiais separadas são vistos como irmãos em Cristo Jesus.

É com essa compreensão expressa no documento *Unitates Redintegratio* que a Igreja Católica Romana incentiva todo tipo de iniciativa que favorece a unidade, aconselhando os seus fiéis a fazerem mais esforços para eliminar palavras, juízos e ações que não correspondem à situação dos irmãos separados. A Igreja Católica Organiza também o diálogo entre peritos para aprofundar a doutrina da fé nas diversas confissões cristãs. Os fiéis católicos também são convidados a trabalhar na

vigilância dos seus pastores para a superação dos obstáculos que não favorecem a perfeita comunhão eclesial e a comunhão rumo a uma só eucaristia.

Claro que esta unidade não significa uniformidade mas unidade na diversidade, na espiritualidade, na disciplina, na liturgia e na teologia.

Na exposição das verdades de fé, deve-se respeitar uma hierarquia das verdades com a prontidão de escutar a verdade do outro no espírito de humildade e caridade.

A Igreja Católica Romana, nos seus esforços ecumênicos, reconhece a sua parcela de culpa nas grandes divisões do passado, dizendo:

“[...] muitas comunidades se afastaram da plena comunhão com a Igreja Católica quase sempre com a culpa de pessoas de ambos os lados.

Os que hoje nascem nessas comunidades e por seu intermédio recebem a fé não podem ser acusados do pecado de separação. A Igreja Católica os abraça com respeito e amor fraternos” (Concílio..., 1998, p. 261

Com base nessa comunhão (LG 15), apesar de incompleta, o catolicismo romano recebe motivação para traçar diálogos formais com outras denominações cristãs com dupla intenção: conhecer de maneira profunda a fé e a doutrina dos outros, procurando convergências na doutrina da fé cristã, motivando cooperação em iniciativas práticas a favor da promoção do ser humano.

#### 1.5.8 CNBB e Ecumenismo

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, iniciada em 1952, nos seus primeiros oito anos acompanhava à distância o ecumenismo interprotestante. Após o Concílio Vaticano II, foram iniciadas as primeiras manifestações ecumênicas propriamente ditas com o impulso dos bispos participantes do Concílio.



A postura ecumênica da CNBB a partir do Vaticano II, que se fortalecia cada vez mais, foi marcada por três elementos bastante claros, segundo Wolff (2002, p. 106): "a preocupação pela formação da consciência ecumênica; (b) o desenvolvimento de relações institucionais com outras confissões cristãs e (c) a publicação de orientações teológico-pastorais sobre ecumenismo".

Conforme Hortal (1989, p. 220-1),

"No 1º Plano de Pastoral de Conjunto (1966), porém, o ecumenismo foi incluído (por CNBB) como "linha 5". Para a sua promoção foi criado um setor específico, dentro do secretariado Nacional de Teologia. Por meio desse organismo, a CNBB promove estudos sobre a realidade religiosa, cria comissões mistas bilaterais e diálogo, atua como membro de pleno direito no Conselho Nacional de igrejas Cristãs (Conic) e participa ativamente mediante o envio de delegados, ou observadores, às reuniões mais importantes de caráter ecumênico ou próprias de outras confissões."

A partir desse momento, as iniciativas ecumênicas foram intensificadas pela CNBB. Tiveram início os prolongados relatórios, pelo setor ecumênico do Secretariado Nacional de Teologia, de atividades que aconteceram nas regionais e dioceses com a criação de centros ecumênicos, comissões mistas, seminários de estudos e com o aumento nas relações com os organismos ecumênicos do país.

A pesquisa mostra, mais tarde, uma espécie de divisão no episcopado da Igreja Católica no Brasil em relação às questões ecumênicas. Um grupo orientava-se pela teologia pré-conciliar e sua conseqüente orientação ecumênica fundamentada na idéia do 'retorno'; um exemplo se mostra na primeira tentativa de divulgação bibliográfica ecumênica católica no país, a Vozes em Defesa da Fé. "A segunda posição é a conseqüência do esforço de membros do episcopado brasileiro por um 'aggiornamento' teológico-pastoral com base nas novas orientações do Concílio" (Wolff, 2002, p. 108).

A CNBB, seguindo a orientação conciliar sobretudo para a abertura da Igreja Católica para o mundo e orientada especialmente pela constituição pastoral *Gaudium et spes*, levou a Igreja Católica Romana brasileira a buscar a reflexão do significado da sua presença na sociedade e das exigências desta presença em relação à evangelização.

Com essa reflexão, evidencia-se a injustiça social presente na vida do povo brasileiro. Foi assim que nasceu a opção preferencial pelos pobres, em comunhão com o episcopado latino-americano. Contudo, é bom observar que a tal opção e a opção ecumênica não são exclusivamente dos católicos romanos. Desde então, o diálogo com a sociedade e a opção pelos pobres começou a marcar o andamento ecumênico dos fiéis católicos no Brasil, com o desenvolvimento de um ecumenismo prático, sobretudo em organismos ecumênicos como a Entidade Ecumênica de Serviço (EES) e a Coordenadoria Ecumênica de Recursos (Cere), formados em 1973.

#### 1.6 CRIAÇÃO DO CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS DO BRASIL (CONIC)



Jesus Cristo, ponto de união entre as Igrejas do Conic.  
Fonte: VALDECIR (2003), p. 25)

Nesta parte da nossa pesquisa, pretendemos demonstrar o que é o Conic como movimento ecumênico, ressaltando algumas atividades que provocaram a sua criação. Havia a necessidade de um movimento que ajudasse os cristãos, tão divididos, a unirem suas forças "contra alguns males" que afligiam a sociedade, como afirma Wolff (2002, p. 142):

“A partir da criação do Conic, a história do ecumenismo no Brasil entra realmente numa nova fase. A naturalidade que este organismo alcança capacita-o a orientar com segurança a postura ecumênica das Igrejas que a compõem, dando maior ênfase tanto ao diálogo intereclesial quanto à relação dos cristãos com outras religiões e com a sociedade.”

A sociedade brasileira anterior à criação do Conic, em 1982, sofria a grande desordem da ditadura militar, e os cristãos precisavam de força para combatê-la. Assim fala Bock (1998, p. 44) sobre o assunto:

“A nível nacional, o início da década de sessenta foi marcado por uma disputa muito forte sobre que caminhos o Brasil deveria adotar na busca do seu desenvolvimento, a sociedade estava dividida entre conservadores, reformistas e revolucionários. Essas divisões permeiam todo o tecido social, também as Igrejas gerando, não raras vezes, conflitos entre os seus representantes. O clima da instabilidade política e, em grande medida, o medo do comunismo, fizeram com que em 1964 as forças conservadoras apoiassem um golpe de Estado protagonizado pelos militares. A sociedade brasileira reagiu de forma dividida ao golpe militar. Havia as favoráveis ao golpe e os que hoje eram contrários, também nas Igrejas.”

As Igrejas cristãs também lutavam contra as injustiças sociais. Contudo, cada uma no interior da sua igreja. A preocupação com a situação dos oprimidos na sociedade foi, claramente, umas das causas da formação do Conic.

“Nesta fase também assumiram grande importância os organismos ecumênicos, que por via de regra tiveram uma atuação muito crítica ao regime militar. Estes organismos andaram a frente das Igrejas; em função de sua clara opção pelos pobres e de seu fortalecimento e assessoria aos movimentos de base o contato foi exigindo dos cristãos uma postura mais comprometida com a vida e a justiça” (Bock, 1998, p. 45).

Outro fator que contribuiu para o surgimento do Conic foi o enfraquecimento ou a quase morte da CEB, que, por muitos anos, serviu de ponto de união para as Igrejas Evangélicas. Segundo Bock (1998, p. 47),

“Paralelamente se caminhava na segunda metade dos anos setenta para a formação de um Conselho Nacional de Igrejas, também com a participação da Igreja Católica. Para alguns, a CEB já havia cumprido a sua função e estava fadada a desaparecer. Outros no entanto advogavam que ela representava os interesses evangélicos no Brasil e que portanto sua existência não só era justificada mas também necessária. Estes ainda não conseguiam admitir a possibilidade de um ecumenismo com a Igreja Católica. Em 1982, porém, as Igrejas Metodista e Episcopal se retiraram formalmente, enfraquecendo, ainda mais a já debilitada CEB. Cabe destacar que, à medida que a CEB foi se enfraquecendo, a idéia da criação de um Conselho Nacional de Igrejas com a

participação da Igreja Católica Romana ganhava mais consistência.”

Pode-se afirmar que o Conic surgiu do Encontro de Dirigentes de Igrejas (EDI). Assim fala Wolff (2002, p. 129) sobre esse Encontro:

“Os EDI, atentos para que o diálogo ecumênico tivesse canais apropriados para seu desenvolvimento, delinearam o projeto de criação de um órgão que lhe possibilitasse maior estabilidade. Inicialmente, foi constituído o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CNIC), em formação de existência limitada (1978-1982).”

É bom lembrar que o EDI não tinha natureza oficial com um apoio pleno das Igrejas, como afirma Bock (1998, p. 56):

“Os encontros de dirigentes não tinham caráter oficial. Embora houvesse o conhecimento dos organismos competentes das Igrejas sobre os encontros, bem como a concordância quanto à sua participação, os dirigentes não representavam oficialmente suas Igrejas.”

Os dirigentes das Igrejas tiveram grandes preocupações antes da fundação do Conic, uma das orientações era que, ao se criar um Conselho de Igrejas, dever-se-ia se evitar uma estrutura que não tivesse base nas próprias Igrejas. Segundo Bock (1998, p. 57),

“A mentalidade ecumênica ainda estava circunscrita a poucas pessoas. Uma das dificuldades para os líderes foi encontrar

meios a fim de a criação de um Conselho de Igrejas ter repercussão na vida das comunidades das Igrejas comprometidas e não se constituir numa simples estrutura teórica".

É assim que, finalmente, no XIII Encontro, em novembro de 1981, marcou-se a data da Assembléia Constituinte, que aconteceu no ano seguinte, nos dias 17 e 18 de novembro. Nesta assembléia, pediram ao moderador do encontro, D. Ivo Lorscheiter, que escrevesse uma carta convocando as igrejas (Bock, 1998, p. 57). E assim, criaram o Conic em 1982 como

“Uma associação fraterna de igrejas que confessam o Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador, segundo as Escrituras e, por isso, procuram cumprir sua vocação comum para a glória do Deus Uno e Trino, Pai Filho e Espírito Santo, em cujo nome administram o santo batismo. O amor a Deus, a confissão de Fé comum e o compromisso com a missão impulsionam as igrejas-membros a uma comunhão mais profunda e a um testemunho comum do Evangelho no Brasil, no exercício do amor e serviço ao povo. Respeitadas as diferentes concepções eclesiológicas as igrejas-membros se reconhecem convocadas por Cristo à unidade de sua igreja, na certeza da atuação do mesmo Cristo e do seu Espírito nelas e através delas” (Wolff, 2000, p. 43).

Após a criação do Conic, as igrejas-membro criaram, também na estrutura do Conic, várias comissões para o melhor funcionamento do movimento, que são as seguintes:

- Comissão Teológica: busca assessorar o Conic no campo da teologia, propondo e aprofundando temáticas teológicas em perspectiva ecumênica;

- Comissão da Defesa da Vida e dos Direitos Humanos: está sempre atenta a violações de direitos humanos, sugerindo também vários modos de superar a violência;
- Comissão da Ação Ecumênica de Mulheres Cristãs: busca atualizar uma espiritualidade evangélica libertadora, possibilitando a realização de ações dentro do espírito de solidariedade das mulheres;
- Comissão da Comunicação: visa executar a divulgação dos projetos e atividades do Conic e outros progressos do diálogo ecumênico.

## 1.7 Resumo

Neste primeiro capítulo, discutimos a hierofania do sagrado que se percebe na diversidade de religiões, introduzindo com o pensamento de dois grandes teóricos, Rudulf Otto e Mircea Eliade, especialistas em assuntos religiosos. Nas palavras dos teóricos, o sagrado é bem diferente do que acostumamos ver no dia a dia, ele se manifesta sempre como uma realidade de uma ordem inteiramente diferente das realidades naturais (Eliade, 1996). Então, uma vez que esta é uma manifestação totalmente diferente, ela também nos faz tremer (Otto, 1985). É a interpretação feita por cada Igreja da manifestação da divindade que gera a diversidade religiosa.

Assim, mostramos o cristianismo e a diversidade religiosa no Brasil nos séculos XVI a XX, mostrando, também, os esforços ecumênicos no Brasil Republicano no século XX.

No Brasil, uma destas manifestações religiosas é a religião dos índios, como a dos povos , tupis, guaranis, astecas, tottecas, zapotecas, maias quéchuas e muitos

outros. Cada religião quer se manifestar, quer espaço na sociedade e ser respeitada, por isso o movimento ecumênico é importante, pois trabalha em prol da paz entre as religiões.

Definimos o ecumenismo a partir do termo grego *oikoumén* (*oikumenê*), que significa o mundo habitado e que também, num sentido amplo, indica todo tipo de esforços em prol da unidade das igrejas cristãs separadas que se encontram no movimento do Conselho Nacional das Igrejas Cristãs do Brasil (Conic).

Falamos também sobre a história do movimento ecumênico na Europa do século XIX. Onde nos mostramos muitos movimentos ecumênicos mundiais que trabalham para a unidade dos cristãos.

No segundo capítulo, tratar-se-á exclusivamente sobre a eucaristia, iniciando com a sua definição e seus diferentes nomes e etimologia.



## 2 O SIMBOLISMO E A EUCARISTIA

Neste capítulo, mostraremos a eucaristia como uma das experiências religiosas que se manifestam por meio do simbolismo e também o próprio simbolismo como expressão da experiência religiosa em geral, como afirma Croatto (2001, p. 81): “O simbolismo é a chave da linguagem inteira da experiência religiosa”.

### 2.1 SIMBOLISMO

A palavra símbolo tem sua origem etimológica no grego *sum-ballo* ou *sym-ballo*, que quer dizer a união de duas coisas. De acordo com um costume grego, ao celebrar um contrato, um objeto de cerâmica era quebrado em duas metades, das quais cada parte do contrato levava uma. Se surgisse uma reclamação posterior, ela era legitimada pela reconstrução (pôr junto – *symballo*) do objeto destruído, cujas metades deveriam coincidir. Esta união das partes ajuda a compreender que a amizade é íntegra (Croatto, 2001, p. 85).

O ser humano é um ser que vive construindo um símbolo. Segundo Reimer, (2004, p. 82),

“O ser humano é um ser fundamentalmente simbólico, construímos símbolos o tempo todo. A linguagem é a forma por excelência dessa dimensão simbolizadora dos humanos. No campo religioso, o símbolo é o nível mais imediato e elementar da comunicação da experiência religiosa” .

Existem sempre no simbolismo duas coisas divididas que podem ser ao mesmo tempo complementadas. Uma parte pressupõe a outra. É assim que acontece uma duplicidade de sentido, ou ainda, uma multiplicidade de sentidos.

Podemos transformar ou construir os elementos conhecidos do nosso mundo fenomênico com símbolos, mas o segundo sentido sempre mostra uma mudança de sentido em relação ao objeto natural; Segundo Jung (1964, p. 55);

“os símbolos, são produtos naturais espontâneos. Gênio algum já se sentou com uma caneta ou pincel na mão dizendo: ‘Agora vou inventar um símbolo’. Ninguém pode tomar um pensamento mais ou menos racional a que chegou por conclusão lógica ou por intenção deliberada, e dar-lhe forma ‘simbólica’. Não importa de que adornos extravagantes se ornamenta uma tal idéia – ela vai manter-se apenas uma sinal associado ao pensamento consciente que significa, e nunca um símbolo a sugerir coisas ainda desconhecidas”.

No simbolismo, encontramos sempre duas coisas distintas que se complementam. Uma parte introduz a outra de tal forma que acontece com freqüência uma duplicidade de sentidos. As coisas palpáveis do mundo natural são elevadas ao nível de símbolos. O segundo significado do símbolo é sempre uma mudança de significado em relação ao objeto natural. Qualquer elemento natural

pode ser constituído em símbolo, fazendo o símbolo, assim, uma linguagem pré-hermenêutica, uma vez que o ele próprio não pode ser objetivado em palavras.

O símbolo se mostra em transparência para uma outra realidade superior ou transcendental utilizando a experiência religiosa de alguma pessoa. Diferentemente, pessoas que se relacionam com estes elementos podem atribuir-lhe sentidos diversos, fazendo acontecer, assim, a polissemia (sentidos múltiplos) do símbolo.

Como exemplo, pode-se tomar, na Sagrada Escritura Cristã, a passagem que conta a história do patriarca Jacó nos dias da sua fuga do irmão Esaú. Jacó passou a noite em um lugar no deserto (Gn 28, 10-22) tendo uma pedra como travesseiro. Então, dormindo, ele sonhou com uma escada cujo topo subia aos céus, por onde os anjos do Senhor subiam e desciam, e, perto dela, estava Deus, que falava para ele. Jacó acordou de manhã reconhecendo que o lugar era sagrado, e disse: “este é um lugar temível, é a casa de Deus” (Gn 28, 12). Depois, tomou a pedra que lhe servira de travesseiro e ergueu uma coluna, derramando no seu topo azeite, fazendo, ao mesmo tempo, um voto com a promessa de devolver o dízimo ao Deus que se manifestara naquele lugar.

Com este gesto, Jacó atribuiu um segundo sentido a esta pedra e ao lugar onde ela se encontrava. Ele atribuiu um sentido especial ao lugar. Aquela pedra, que se tornou um símbolo, é uma expressão da experiência de Jacó como *homo religiosus*. Ele teve esta experiência com o transcendente, tornando-se essa pedra, para ele, coisa sagrada. É claro que nem toda pedra é sagrada. A pedra, que permanece pedra, pode não ter um ou este segundo sentido para outra pessoa, e pode, ainda, acontecer que outra pessoa lhe atribua um sentido diferente (Reimer, 2004, p. 83).

Portanto, o símbolo facilita o entender humano. Sem ele, seria muito difícil para nós compreender as realidades transcendentais. Segundo Jung (1964, p. 21),

“[...] O homem é incapaz de descrever o ser ‘divino’. Quando com toda nossa limitação intelectual, chamamos alguma coisa de ‘divina’ estamos dando-lhe apenas um nome, que poderá estar baseado em uma crença, mas nunca em uma evidência concreta. Por existirem inúmeras coisas fora do alcance da compreensão humana é que freqüentemente utilizamos termos simbólicos como representação de conceitos que não podemos definir ou compreender integralmente. Esta é uma das razões porque todas as religiões empregam uma linguagem simbólica e se espremem através de imagens”.

A experiência humana mostra rupturas entre os vários níveis do real total, por exemplo, entre o consciente e o inconsciente, o racional e o irracional, as realidades interiores e as realidades exteriores, o natural e o sobrenatural, o visível e o invisível, o cosmo e o mundo divino (Girard, 1997, p. 34).

Nunca percebemos plenamente uma coisa ou a entendemos por completo. Podemos ver, ouvir, tocar e provar, os nossos sentidos limitam a percepção que temos do mundo ao nosso redor (Jung, 1964, p. 21).

Por isso, as igrejas estão repletas de simbolistas. Os teólogos e peritos no assunto religioso apresentam os símbolos para facilitar os encontros dos fiéis com Deus, como afirma Bourdieu (2004, p. 120), dizendo que é função desses peritos salvaguardar uma ortodoxia cultural (neste caso, simbólicas), ou seja, defender a esfera da cultura legítima contra os perigos no interior do sistema de produção e circulação dos bens simbólicos. Esta é a função das igrejas (BOURDIEU, 1974, p.120).

Nas igrejas cristãs, com seus ritos sacramentais, este simbolismo manifesta-se de forma muito rica no sacramento da eucaristia. Durante a última ceia com seus discípulos, antes de sua morte, Jesus tomou o pão, tomou o cálice com vinho, deu graças, partiu-o e o deu a seus discípulos, dizendo: “Tomem e [...]”. E acontece que todos, por comerem o pão e beberem o vinho, comprometem-se a continuar aquela ação de entrega praticada por Jesus. Ele expressou a sua entrega completa ao Pai. Tal gesto foi gravado na história, e os seguidores de Jesus continuaram e continuarão a realizá-lo para fazer memória da morte e ressurreição de Jesus. O gesto, com o tempo, torna-se um rito no sentido de que rito é um gesto ou um conjunto de gestos ou ações simbólicas escolhidas por um determinado grupo de pessoas – que pode ser um povo, uma tribo ou um movimento –, expressando, assim, a sua identidade. Mostra-se, de tal forma, que a força de um rito está na sua repetição. É por essa repetição que o gesto simbólico de um grupo vai reunindo o acontecimento inicial e se beneficiando de tudo aquilo que ele significa.

O gesto simbólico com o pão e o vinho que Jesus realizou na última ceia tornou-se rito no meio das igrejas cristãs, como também se tornaram o batismo, a imposição das mãos e outros sacramentos (Buyst, 2001, p. 22-3).

### 2.1.1 Simbolismo e Transparência

O símbolo se manifesta em transparência. Certa vez, Ricouer perguntava, ao explicar o símbolo, sobre o porquê de a vivência do Sagrado se realizar por intermédio das coisas e não diretamente, e também por que sua expressão ou participação não se efetiva mediante um discurso lógico.

O transcendente, sendo ele mesmo inobjetivável por sua natureza, precisa de uma mediação. A própria experiência que procede do transcendente não pode ser expressa; as palavras que a expressam convertem-se em palavras simbólicas. Quando alguém fala do Deus que está no céu não está usando uma linguagem objetiva, nem uma metáfora, mas, sim, um símbolo da transcendência e da soberania que mostra uma maneira de fazer experimentar Deus no sentido religioso. Ele está se expressando, indicando a percepção do transcendente por uma das suas manifestações cósmicas (hierofania), contudo, esta experiência é vivenciada humanamente e, ao mesmo tempo, em uma história.

Ao falar que o símbolo se manifesta em transparência, quer-se afirmar uma outra coisa muito importante: que o símbolo é como uma lente que permite ver o que sem ela não se vê. Eliminando os objetivos convertidos em símbolos, apaga-se a percepção do sagrado na forma como ela se deixa ser experimentada. Não é só isso, sem estes objetivos palpáveis, em vão homens e mulheres esperam para exprimir o experimentado transcendentalmente. Por exemplo, aquela água que foi usada no dia do batismo é exatamente o âmbito no qual se hierofaniza o sagrado qual força purificadora. Uma vez que no lugar da água, por exemplo, utiliza-se um outro líquido, talvez o azeite, então, muda-se também o sentido e compreendamos o sagrado vivido no primeiro caso. O azeite não simboliza purificação, mas consagração ou alimento substancial.

Uma vez que o sagrado é infinito, a infinita variedade das coisas ajuda visualizar o sagrado de várias formas, sem que nenhuma dessas coisas o esgote. Quando nos deparamos com a heterogeneidade dos símbolos, temos uma prova de sua múltipla riqueza, mesmo que cada hierofania concreta paralise, fragmentando o próprio símbolo, ainda que isso não seja de grande importância, uma vez que se

vive o sagrado de forma funcional. O ser humano não tem a capacidade de totalizar a sua experiência, também não tem muito sentido fazer essa totalização da experiência, uma vez que todas as suas situações e vivências são limitadas e concretas, e nelas se deve viver também o mistério transcendental. Por exemplo, na hora que o homem está diante do perigo da morte, o que lhe interessa é uma hierofania sagrada de vida, e não a soberania da divindade. Em sua existência, o *homo religiosus* capta, espontaneamente, essa relação hierofânica.

Tentou-se estabelecer a noção do símbolo e sua transparência, mostrando como a vivência do sagrado se realiza através das coisas e como esse sagrado não se comunica diretamente. Mostrou-se, também, o símbolo e seu duplo sentido. Sabemos que as coisas do mundo podem ser elevadas à função simbólica pelo que são e as coisas, em suas manifestações, são polivalentes. Compreende-se que sua capacidade de remeter para um segundo sentido é também plural.

Esta pluralidade de manifestação do sentido se mostra claramente no exemplo do fogo, que destrói e se manifesta em várias formas: incêndio, vulcão, explosão. Ele também purifica (crisol) ou transforma (metalurgia), ilumina, fazendo tudo com força irrefreável. O fogo, em todo o sentido, serve como símbolo religioso. Destruição, purificação, transformação, iluminação são todos fenômenos derivados da experiência religiosa, seja em relação com o mal (destruição), com a impureza (purificação), com o último ritual pelo pecado (sacrifício) ou mesmo com a revelação.

Não é somente no cristianismo que a divindade se manifesta qual fogo em suas características, Na escatologia iraniana, ela se expressa com a simbologia do fogo, o juízo pelo fogo, mediante o metal fundido (Zoroastro) ou a Renovação Final (*frash kart*) por uma conflagração (nos textos do Avesta). No hinduísmo antigo, desde os Medos, Agni (fogo) representa uma das divindades; ao mesmo tempo, no

antigo México (anteriormente os náhuatl) chamavam-no xiuhtecuhtli ou “o senhor de turquesa” (xiuitl – ‘turquesa’ – equivale a fogo na linguagem simbólica náhuatl). (CROATTO, 2001, p. 103).

O fogo como força destruidora mostra-se na imagem simbólica do inferno (cristianismo, islamismo) e do sacrifício pelo fogo (holocausto ou outros). É o fogo que destrói, ora como castigo, ora como oferenda que se consuma.

Outro símbolo é a água, que pode ser destrutiva (inundação), ou regeneradora (bebida), fecunda (chuva) e purificadora, servindo para se lavar. Essas outras significações experimentadas na ordem profana também podem ser vivenciadas como expressões positivas e sagrada (CROATTO, 2001, p.90-104).

### 2.1.2 A Função Comunitária do Símbolo

O símbolo não serve, simplesmente, como receptor de uma hierofania. A própria vivência da hierofania verbaliza-se, faz-se palavra, transmitindo-se para outras pessoas, agindo dentro delas de tal forma que podem entrar na mesma esfera numinosa. Então, pode-se afirmar que o símbolo é uma maneira forte de gerar comunhão ou vínculo entre os seres humanos. Por essa função, o mero fato do símbolo existir já representa um fundamento comunitário entre os seres humanos. O símbolo, sendo natural, profano ou religioso, traz a comunhão entre as pessoas.

Segundo o pensamento de Mauss (*apud* CROATTO, 1980, p. 165), o simbolismo é considerado um acontecimento de comunhão. Assim como todo fato religioso, “as coisas sagradas são coisas sociais”; é sagrado tudo aquilo que qualifica a sociedade por meio do grupo e de seus membros. Da mesma forma que a



linguagem tem força, assim também o próprio símbolo. Este, quando não é confundido com o signo ou com a metáfora (que é um desvio muito freqüente), serve como uma linguagem de comunicação profunda. O ser humano tem necessidade cotidiana de falar em símbolos para expressar suas vivências. Com maior razão ainda, o ser humano como *homo religiosus*, uma vez que o símbolo é a palavra inicial para quem trilha o caminho da experiência religiosa. A única linguagem para essa experiência é a do símbolo.

Falando ainda do símbolo como uma ligação forte das pessoas na sociedade, observa-se na história das religiões que, de um modo especial, os símbolos convencionais (símbolos particulares de uma cultura ou de um grupo religioso), e também os naturais, servem como patrimônios da comunidade. O resultado disso é que a polissemia de alguns símbolos se restringe somente ao âmbito da cosmovisão da sociedade em questão.

A situação 'de linguagem' e de comunicação dos símbolos tem relação com sua dinâmica e eficácia comunitária, reforçada pela tradição cultural em que se insere. É importante também lembrar que o símbolo tem ligação com o inconsciente, com os níveis profundos da *psique*, que só podem aflorar indiretamente, refletindo-se nas coisas que por analogia ajudam a invocá-los. Por exemplo, a "mandala" (uma palavra hindu usada por Jung como arquétipo da alma) é usada para exprimir tanto os desejos inconscientes como uma experiência religiosa profunda da perfeição, da totalidade, do equilíbrio espiritual, em contato com o sagrado.

## 2.2 A EUCARISTIA E O SIMBOLISMO

figura 3: A Queda do Maná. Maná como símbolo da Eucaristia. Fonte: Bíblia Sagrada (1979, p. 6).

Eis o que vos ordena o Senhor: “ajunte cada um o quanto lhe for necessário para comer; para aqueles que estão em sua tenda, um gomor por cabeça, segundo o número das pessoas”. Assim fizeram os israelitas: ajuntaram uns mais, outros menos. Mas aconteceu que o que tinha ajuntado muito não tinha demais e, ao que tinha ajuntado pouco, não lhe faltava: cada um havia recolhido segundo a sua necessidade. Êxodo, 16: 16-18.

Usando as palavras de Aldazábal (2002, p. 301),

“cada sacramento tem uma ação simbólica humana como base de sua celebração e de sua compreensão. Conhecer bem, antropologicamente, este sinal central de cada sacramento é fundamental para entender também sua intenção teológica”.

Como já mencionamos, cada simbolismo traz consigo seus dois sentidos. Estes dois sentidos servem como chaves para o melhor entendimento do simbolismo. No tocante à eucaristia, o sentido matéria ou primeiro sentido seria o pão e o vinho.

É o segundo sentido que traz o aspecto mistérico ou transcendental do simbolismo. É exatamente neste sentido que podemos afirmar que as orações de Jesus na instituição da eucaristia eram a invocação do Espírito de Deus sobre o primeiro sentido ou material, o pão e o vinho, para que acontecesse o segundo sentido que é ação de graças ou a própria eucaristia.

No caso da religião cristã, os sacramentos e os gestos, especialmente, expressam e sustentam a fé cristã, a saber: o batismo, a confirmação, a eucaristia, a reconciliação, a unção dos enfermos, a ordem, o matrimônio. Na opinião do Concílio Vaticano II, “Para realizar tal obra, Cristo está presente à sua Igreja, especialmente nas ações litúrgicas” (Vaticano II, 1998, P.144). Esses sacramentos realizam aquilo que significam e este mesmo significado é chamado a portar, cada um à sua maneira, o mistério da fé cristã, que é também o mistério de Jesus Cristo (Byst, 2001, p. 49).

### 2.2.1 Os Elementos do Simbolismo: pão e o vinho

Os elementos da ação celebrativa da eucaristia sempre foram, desde o tempo antiqüíssimo, o pão e o vinho.

Dois pais da comunidade cristã antiga, Irineu e Cipriano, tiveram de fazer discursos apologéticos em defesa da matéria pão e vinho; o primeiro contra os gnósticos e o segundo, contra os arianos.

O Magistério começou mais tarde para defender e responder algumas dificuldades. O Papa Inocêncio III, em 1202, fez esta distinção entre pão e vinho em sua carta *Formam visibilem*, afirmando que, depois da oração consagratória feita por sacerdote, o pão e o vinho se transformam no corpo e sangue de Jesus (Ds 783).

O Concílio de Florença, no século XV, num decreto dirigido aos armênios, faz uma longa explicação sobre o primeiro sentido da eucaristia (o pão e o vinho, ao qual, por uma série de motivações, mistura-se um pouco de água).

### 2.2.2 O Pão e o Vinho como Primeiros Simbolizados

Analisemos um pouco melhor agora o pão e o vinho como primeiros simbolizados. Temos o pão e o vinho como material, apontando para o segundo sentido, que é a própria eucaristia, oferecendo para os cristãos a condição para experimentar o invisível, o imperceptível, o inobservável, o inexprimível em suma, o não-sensível em todas as formas, que é também o inconsciente, o metafísico, o sobrenatural e transcendental. O pão e o vinho como símbolos de algo muito maior, segundo o dizer de Girard (1997, p. 37): “realçar a coincidência dos opostos, inacessível tanto a razão discursiva quanto aos sentidos externos”.

### 2.2.3 As Características do Pão e do Vinho como Simbolizantes

Mostraremos agora a característica do pão e do vinho como simbolizante da eucaristia para poder cumprir o objetivo da eucaristia como alimento espiritual, que tem de ser somente pão e vinho.

Estes dois elementos são acessíveis à nossa experiência imediata; são tão comuns que, com base neles, a nossa instituição tende a reconstruir a realidade divina. Não somente no caso de pão e vinho em relação à eucaristia, mas cada simbolizante tem seus traços principais que o caracterizam. Podemos indicar alguns desses elementos ou características simbolizantes que existem no pão e no vinho como símbolos:

- 1) Do ponto de vista cognitivo: cada simbolizante deve ser observável, quer dizer que deve ser objeto de conhecimento imediato. Muitos conhecem o pão e o vinho.
- 2) Do ponto de vista lingüístico: o pão e o vinho como elementos simbolizantes são facilmente experimentáveis, são bastante simples e evidentes para serem veículos da linguagem corrente. Muitas ações de Jesus na eucaristia, é tão complexos e quase inatingível pela maioria dos cristãos, que é necessário que se possa pelo menos contar com a extrema simplicidade do simbolizante, isto é, do pão e do vinho.
- 3) Do ponto de vista semântico: o pão e o vinho como simbolizantes são extremamente expressivos, sugerindo a idéia de ascensão ao céu e, portanto, de libertação do peso da condição humana.
- 4) Do ponto de vista social: cada simbolizante deve ser facilmente reconhecível por uma coletividade. O pão e vinho são aprovados, adotados e usados por muitas

sociedades e os que usam encontram neles valores comuns. Pensemos no sentido especial que deve ter o eucarístico. O simbolizante, o pão e o vinho, é o mesmo, mas sua especialidade social varia do menos ao mais, símbolo de uma condição humana, sinal, entre outros, de religiosidade, sinal privilegiado e não reiterável para quem quer experimentar a presença de Jesus na comunidade eclesial.

#### 2.2.4 Ato de Comer Pão e Beber Vinho (Banquete): sentido simbólico



Figura 4: A Santa Ceia  
Extraído do livro: VALDECIR, (2003, p. 17).

“Pois O Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão, e, tendo dado graças, partiu e deu aos seus discípulos, dizendo. Tomai, comei este é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória minha. E depois da ceia, tomou o cálice, e tendo dado graças, Lho entregou dizendo; Bebei todos deste, porque é o meu sangue, da Nova Aliança, que é derramado por vós e por muitos, para a remissão dos pecados. Fazei isto, quantas vezes o berbedes, em memória minha”. (Livro de oração comum, Igreja Episcopal do Brasil, 1987, p. 63).

Desde os primeiros séculos da era cristã, os cristãos sempre celebram e recebem a eucaristia sob duas espécies, em forma de pão e de vinho. Poderiam celebrar a eucaristia somente com pão, mas assim não teria o sentido de banquete, já que neste acontecem as duas coisas: come-se pão e bebe-se vinho. Participar também do vinho na eucaristia ajuda a entender melhor a dinâmica da eucaristia como sacramento: recordar mais vivamente o sentido de sacrifício de Cristo na cruz (o vinho, que aponta para o sangue), ao mesmo tempo, dando garantia de que os cristãos participarão da alegria escatológica do banquete do Reino (o vinho é símbolo claro de alegria).

O vinho também tem um outro simbolismo natural muito forte, além de seu valor como bebida para saciar a sede. É uma bebida festiva, apesar de não ser tão primordial quanto a água, mas bem mais significativa da vitalidade humana, como nas seguintes passagens da Sagrada Escritura: Sl 104, 13-15; Pr 31, 6-7; Is 25, 6; Am 9, 14; Zc 9, 17, em que o vinho dá alegria, inspiração, amizade e aliança. Desde o tempo antigo, nas celebrações judaicas da páscoa da ceia, o vinho traz outra marca simbólica muito profunda, que é uma visão escatológica para os tempos messiânicos, lembram-se de que o próprio Jesus fala sobre os bens do Reino sob a figura do “vinho novo” com as bodas de Caná (Lc 2, 1-11). O vinho eucarístico também nos lembra do sangue que, para os judeus, constitui o mais íntimo e sagrado de um ser vivo e é, ao mesmo tempo, sinal de vida, como podemos ver nas seguintes citações: Dt. 32, 14; Lv. 16, 11-13; 17, 10-14.

Segundo Aldazábal (2002, p. 306), na história da Igreja primitiva, houve a tentativa, por parte de alguns cristãos, de eliminar o uso do vinho na celebração eucarística:

“Nos primeiros séculos talvez já desde os tempos do próprio NT algumas correntes ascéticas tentaram prescindir do vinho na eucaristia (não sabemos se por motivo de austeridade, por ascese, pelo perigo de abusos, pela ideologia gnóstica ou por economia). Mas a comunidade cristã defendeu o vinho como elemento cheio de significado na celebração eucarística: basta lembrar Cipriano e sua carta nº 63 de meados do século III”.

Outro ponto com valor simbólico muito rico é a mistura da água no vinho, desde o princípio, um costume generalizado, especialmente no tempo de Jesus Cristo, uma vez que o vinho que fabricavam era muito forte e costumava-se bebê-lo misturado com água. Os cristãos pegaram o mesmo costume, como exemplo dado por Justino em meados do século III.

Segundo Jung (1991, p. 7),

“Nessa preparação mistura-se um pouco de água ao vinho. Originariamente a mistura de água e vinho estava ligada ao antigo costume de beber apenas vinho misturado com água. Por isso, um bebedor, isto é, um alcoólatra era chamado de ‘acratopotês’: beberrão de vinho não misturado. Em grego moderno, a palavra vinho é xexái = mistura. Do costume que têm os monofisistas armênios de não misturar o vinho eucarístico com água, a fim de que permaneça a descoberto a natureza divina de Cristo, pode-se deduzir que é conferida a água um significado bíblico (isto é, físico), ou seja, o significado da materialidade humana”.

Como está escrito na carta de argumento de Cipriano, a esta mistura, que era funcional ou natural, atribui-se um sentido simbólico: a Cristo, que é o vinho, une-se inseparavelmente a humanidade, que é a água.



O binômio pão/vinho traz consigo uma sacramentalidade natural que está cheia de simbolismo e força expressiva. É que sua procedência cósmica nos relaciona com nossas raízes naturais e reflete de modo singular nossa “bipolaridade”, corporeidade e espiritualidade, respondendo, ao mesmo tempo, a dupla instância humana, que são fome e sede, trazendo também todas os seus possíveis simbolismos.

Estes dois elementos que são básicos a eucaristia lembram simbolicamente a proximidade com o nosso mundo, com nossa história de luta pela subsistência e pela busca de fraternidade. Os dois são algo não estranho nem esotérico, mas estranhável e bem nosso. É como se Jesus Cristo, ao recebê-los, tivesse querido dar um sim à natureza do ser humano, à alegria e à solidariedade. Os dois elementos no sinal eucarístico têm sentido teológico e, ao mesmo tempo, antropológico. A intenção significativa está latente no próprio gesto de comer e beber com os outros.

Nas religiões antigas, o ato de comer e beber se realizava mormente nas refeições formais, isto é, atos de comunhão pública ou particular vinculados com os atos sagrados. Muitas famílias, clãs e comunidades religiosas, pela comida, participavam do poder de uma divindade ou de outra. O surgimento da natureza sagrada da comida é relacionado com conceitos mágicos, com o qual o próprio divino se personaliza em coisas materiais. Nada havia que levasse a maior união entre o humano e Deus do que comer e beber (James *apud* Lothar; Colin, 2000, p. 317).

O pão é a comida mais comum do ser humano: satisfaz sua fome. É neste sentido que ele é símbolo da própria vida. É fruto da terra. Une o ser humano, portanto, ao cósmico. O pão é também dom de Deus (“fazes brotar a erva para o

gado e as plantas para uso do homem” – Sl. 104, 14-15) e isso nos convida a dar-lhe graças. Ele também é produto do trabalho humano e, portanto, expoente de uma determinada cultura e de uma civilização, é causa ou símbolo da alegria, da convivência, da fraternidade. São estes aspectos que gostaríamos de explorar mais.

O pão se mostra como símbolo da civilização, da cultura e da imaginação humana. É chamado pelo nome “companheiro” quem come pão conosco. Comer com os outros é simbolicamente mais profundo na solidariedade humana que uma mera alimentação ou vitaminas, é o sinal básico da eucaristia, que também mostra o compromisso de compartilhar o pão humano, buscando uma distribuição mais justa dos bens da terra e dos espirituais.

Contudo, além do simbolismo humano, a eucaristia, o pão e o vinho têm um novo sentido, o Cristo Ressuscitado é dado à comunidade dos cristãos como a própria pessoa de Cristo, Seu Corpo entregue e Seu Sangue derramado na cruz. Para os cristãos, é Cristo mesmo a comida e a bebida de vida eterna. Então, o pão é um símbolo capaz de designar seu corpo entregue e o vinho, seu sangue derramado.

Além disso, em Didachê e outros testemunhos da era patrística, o pão e o vinho são também símbolo da comunidade eclesial. Do mesmo modo que os grãos de trigo ou de uva, dispersos pelos campos, tornaram-se um, formando o pão ou o vinho, assim a Igreja vai-se construindo num único corpo a partir da diversidade das pessoas. Segundo Luneau (*apud* Aldazábal, 2002, p. 307),

“o processo de adaptação cultural, do geral está legitimamente empenhada a nossa geração, coloca questões também sobre esta dupla e estranhável material do sinal eucarístico: o pão e o vinho. Ou melhor, ‘o pão de trigo’; ‘e o vinho de uva’. Isto

porque, de acordo com as regiões e culturas do planeta, o pão se fabrica de trigo, mas também de arroz, de mandioca ou milho. E o vinho ou bebida análoga se extrai não só da videira, mas de outras plantas”.

### 2.3 PRESENÇA REAL: TRANSUBSTANCIAÇÃO, CONSUBSTANCIAÇÃO, MEMORIAL.

Apresentaremos a eucaristia como ela é vista e celebrada em três grupos de cristãos, a saber: a Igreja Católica, com sua doutrina de transubstanciação; as igrejas protestantes clássicas, com sua consubstanciação; e demais grupos cristãos que celebram a eucaristia como memorial.

“Muitas igrejas crêem que, pelas palavras de Jesus e pelo poder do Espírito Santo, o pão e o vinho da eucaristia se tornam, de uma maneira real e no ministério, o corpo e o sangue de Cristo ressuscitado, isto é, do Cristo vivo presente em toda a sua plenitude sob os sinais do pão e do vinho, a realidade profunda é o ser total de Cristo, que vem a nós para nos alimentar e transformar todo o nosso ser. Outras igrejas, embora afirmando a presença real de Cristo na eucaristia, não vinculam essa presença de um modo tão definido aos sinais do pão e do vinho. As igrejas deverão decidir se essa diferença pode coexistir com a convergência formulada no próprio texto (BATISMO..., 2001, p. 3-38).”

Na história da Igreja, houve diversas tentativas de compreender o mistério da presença real e única de Cristo na eucaristia. Alguns limitam-se à afirmação pura e simples dessa presença, sem querer explicá-la. Outros consideram como necessária a afirmação de uma mudança realizada pelo Espírito Santo e pelas palavras de

Cristo, que faz com que não haja mais um pão e um vinho comuns, mas o corpo e o sangue de Cristo. Outros, ainda, elaboraram uma explicação da presença real que não pretende esgotar a significação do mistério, mas quer protegê-la contra as interpretações nocivas. Na Igreja Católica, essa mudança singular é conhecida como transubstanciação.

### 2.3.1 Consubstanciação

A consubstanciação é o termo que indica a crença na presença espiritual de Jesus nas espécies do pão e do vinho. Jesus encontra-se presente na substância do pão e do vinho, sem modificá-las ou transformá-las, ao contrário da transubstanciação, que refere a transformação da substância do pão e do vinho no corpo e no sangue de Jesus. Na consubstanciação, o corpo e o sangue, juntam-se ao pão e ao vinho, porém a substância do pão permanece, juntamente com sua aparência. Na transubstanciação, não estão presentes mais a substância do pão e do vinho, ela é aniquilada, ficando apenas a substância do corpo e do sangue de Jesus e apenas as 'aparências', ou 'acidentes' do pão e do vinho, como cheiro, sabor, forma etc.

As igrejas tradicionais acreditam que a parte externa da Santa Eucaristia inclui o pão e o vinho e a parte interna e espiritual, o corpo e o sangue de Cristo e que existem duas importantes dimensões na ação eucarística: a primeira, na qual se lembra e se vive a participação nos grandes atos da história da redenção e da salvação. É na Santa Eucaristia que os cristãos relembram e participam da morte e ressurreição de Cristo; em que se reconhece que o pão e o vinho se tornam para eles o corpo e o sangue de Jesus Cristo por meio da ação do Espírito Santo. Na Santa Eucaristia, oram ao Pai, por intermédio de Jesus Cristo, e se vivificam por

isso, uma vez que acreditam que o Espírito Santo está agindo na Igreja, no Sacramento e neles.

O povo cristão acredita que a Igreja existe para glorificar a Deus e alimentar o Seu povo. Nela, a eucaristia é o ato central da adoração, é simplesmente a maneira fundamental deles de fazer a refeição espiritual. Os dois sacramentos básicos e essenciais para as igrejas que acreditam na transubstanciação são o Batismo e a Eucaristia, sacramentos nos quais o cristianismo se fundamenta. Na Santa Comunhão ou Eucaristia, Deus se une à Igreja e nos alimenta. Acreditam que como o ser humano vive neste mundo material, Deus vem até ele de modo material, por meio de sacramentos concretos, como a eucaristia.

Em 1517, Martinho Lutero, o professor de Teologia e grande líder religioso carismático cuja carisma legitimava suas ações, conforme Weber (1991, p. 326), “O herói carismático não deriva sua autoridade de ordens e estatutos, como o faz a ‘competência’ burocrática, nem de costumes tradicionais ou promessas de fidelidade feudais, como o poder patrimonial, mas sim consegue e a conserva apenas por provas de seus poderes na vida” opõe-se ao dominicano teatral, que vendia, em nome do Papa Leão X, indulgências para a construção da Basílica de São Pedro. Tezel, enviado pelo arcebispo Adalberto de Mogunça, fora impedido de entrar na Saxônia pelos fiéis sequiosos de se livrarem das penas do inferno pela compra de indulgências. Lutero denunciava a venda irregular de indulgências, e aproveitou a oportunidade para falar de outros abusos do clero nas 95 teses afixadas na porta da Capela de Wintterbeng.

Ele afirmou que a salvação vem pela fé e não pelas obras consideradas dispensáveis. A doutrina luterana fala da salvação pela fé, não pelas obras. A salvação pela confiança na bondade de Deus, pelo sofrimento interior do fiel. O culto

é muito simples: um contato direto entre o fiel e o Salvador, somente salmos e leituras da Bíblia. Lutero rejeitou a maior parte dos sacramentos, conservando apenas dois deles: o batismo e a eucaristia. E, mesmo na eucaristia, a presença de Cristo existe no pão e no vinho, não há transformação do corpo e sangue de Cristo em pão e vinho, ou seja, não há transubstanciação e, sim, consubstanciação.

### 2.3.2 Transubstanciação

Como afirma a doutrina da Igreja Católica nos textos do Concílio de Trento, na consubstanciação há uma mudança que atinge a substância do pão e do vinho, trazendo, assim, a real presença de Jesus Cristo na Eucaristia,

“porém, porque Cristo, nosso redentor, disse que aquilo que oferecia sob a espécie de pão era verdadeiramente seu corpo, por isso foi sempre persuasão da Igreja de Deus, o que este Santo Concílio declara novamente: pela consagração do pão e do vinho realiza-se uma mudança de toda a substância do pão na substância do corpo de Cristo Nosso Senhor, e de toda a substância de seu sangue. Esta mudança foi denominada convenientemente e com propriedade pela santa Igreja Católica transubstancia” (DS 1642 *apud* Perspectiva Teológica, 2000, p. 438).

Com esta declaração, a doutrina da transubstanciação, segundo a Igreja Católica fala a respeito da realidade da mudança que acontece na eucaristia. Ela afirma que, na consubstanciação, acontecem as seguintes coisas:

- a) A substância do pão e do vinho é inteiramente mudada na substância do corpo e do sangue de Jesus;

- b) Do pão e do vinho permanecem unicamente as espécies, ou seja, o que está sob a percepção dos sentidos.

#### 2.4 A Eucaristia como Memória

Em suas celebrações eucarísticas, o terceiro grupo do cristianismo acredita na eucaristia como memória. Segundo a revista *Teocomunicação*, a forma de colocar em prática a celebração de *anámnesis*, isto é, a eucaristia como memória, poderia ser uma forma diferente de celebrar a eucaristia, mas o Cristo é o mesmo. Para algumas igrejas, como a Presbiteriana no Brasil, a memória no contexto do culto não equivale somente a uma lembrança, reminiscência ou comemoração do mandato de Jesus. Para ela, a memória é muito mais do que isso, é uma evocação litúrgica que realiza e torna presente aquilo que recorda. Segundo a Igreja Presbiteriana Ortodoxa Betel<sup>1</sup>,

“Desde que o corpo e o sangue de Cristo não estão nem corporal, nem carnalmente, presentes no, com ou sob o pão e o vinho na Ceia do Senhor, mas, sim, espiritualmente à fé do comungante, não menos verdadeira e realmente do que estão os mesmos elementos aos seus sentidos exteriores, assim os que dignamente participam do sacramento da Ceia do Senhor se alimentam do corpo e do sangue de Cristo, não de uma maneira corporal e carnal, mas espiritual, contudo verdadeira e realmente, visto que pela fé recebem e aplicam a si mesmos o Cristo crucificado e todos os benefícios de sua morte”.

---

A *anámnesis* de Jesus, determinada na instituição da Eucaristia, mostra uma grande abertura para a escatologia. Ela é uma renovação da esperança para um novo céu e uma nova terra (Is 65, 17; Ap 21, 1), simboliza a nova criação, na qual o fiel vai superando todas as circunstâncias desta vida. A memória eucarística também traz consigo a idéia que move o crente da recriação de um mundo que ressurgue na ressurreição de Cristo (Déaut *apud* Teocomunicação, 2003, p. 83, 89, 100).

## 2.5 RESUMO

Neste segundo capítulo começamos falando da Eucaristia e do simbolismo não no sentido de algo inexistente, em seu aspecto simbólico, mas como algo real, em aspectos sacramentais, sendo o sacramento o sinal visual que indica algo invisível, transcendental. O sentido espiritual da Eucaristia transcende a nossa realidade no dia a dia. Portanto a presença do pão e do vinho indicando a comunhão com Cristo e com os irmãos, é uma realidade que não vemos, ou seja, que o cristão vê mediante a sua fé.

Vimos, logo em seguida, diferentes concepções sobre a doutrina eucarística entre as igrejas do Conic. São diferentes maneiras que os cristãos concebem a presença de Cristo na Eucaristia: a transubstanciação, a consubstanciação e a memória.

Se os cristãos do Conic não celebram hoje a Eucaristia juntos é exatamente por causa destas diferentes maneiras de celebrar e de ver a presença de Jesus Cristo na eucaristia e pela questão da sucessão apostólica, legitimidade dos ministros ordenados e de algumas igrejas do Conic. Este é um dos problemas eucarísticos que começaremos a abordar no terceiro capítulo deste trabalho.



### 3 A EUCARISTIA COMO PROBLEMA ECUMÊNICO NO CONIC

Neste terceiro e último capítulo, encontramos alguns esforços feitos pelo Conic para a realização da Eucaristia ecumênica. Falar-se-á, também, sobre o impasse que surge nas entrevistas dirigidas ao assunto da possibilidade de celebrarmos juntos a eucaristia.

#### 3.1 HISTÓRIA DE ESFORÇOS NAS CELEBRAÇÕES ECUMÊNICAS

Segundo o livro *Diversidade e comunhão*, escrito pelo Conic e pelo Clai,

“O CONIC, buscando ser fiel a oração do Senhor Jesus Cristo, ‘para que sejam um’ (Jo 17, 21), tem estimulado as celebrações ecumênicas, especialmente por ocasião da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos. Vê com alegria as inúmeras iniciativas de celebrações ecumênicas tomadas por diferentes grupos e comunidades, em distintas ocasiões” (Conic; Clai, 2000, p. 41).

O Conic acredita que, no contexto ecumênico, pode-se celebrar e fortalecer laços de amizade, aprofundar o conhecimento mútuo e crescer em direção à unidade, na prática comum da adoração do louvor e da oração. O Conselho afirma

ser importante que as tentativas das igrejas de celebrarem juntas cresçam ainda mais e, em cada encontro de grupos e comunidades de confissões diferentes, experimentar a celebração conjunta. O Conic acredita ainda que, pela oração comum, Jesus ajudará os cristãos a fortalecerem-se no caminho da unidade (DIVERSIDADE, 2000, p. 41).

A questão da Eucaristia sempre preocupou o Conic. No primeiro encontro dos líderes das Igrejas que formam o Conic em 1975 acontecido em Rio de Janeiro tiveram troca de informações sobre a disciplina de cada Igreja a respeito da prática da Eucaristia. Durante o quarto encontro, (maio de 1977) foi estudada a segunda parte do documento da Comissão da Fé e Constituição, apresentando, ao mesmo tempo, o resultado dos diálogos bilaterais em âmbito internacional. Animados pelos consensos obtidos pelo diálogo teológico, os dirigentes daquelas igrejas resolveram enviar um texto a respeito da Eucaristia para as igrejas, dizendo:

“Que as Igrejas promovam uma maior divulgação e estudo por parte de todos os membros, em todos os níveis, dos acordos já alcançados sobre a doutrina e prática da Eucaristia; a fim de que as possibilidades de intercomunhão, como parte de uma comunhão mais plena de amor, fraternidade e serviço, venham a se realizar, nos limites da doutrina e disciplina de cada Igreja” (Bock, 1998, p. 60).

Foram seus esforços para um dia realizarem essa intercomunhão que levaram as Igrejas Evangélicas de Confissão Luterana e a Igreja Católica Romana, representadas por 23 pessoas, a se reunirem em Porto Alegre, nos dias 08 e 09 de dezembro de 1998, num seminário bilateral para debaterem a hospitalidade eucarística.

Trata-se de dois temas, intercomunhão e hospitalidade eucarística: o primeiro, que é a intercomunhão, a meta do Conic, é uma comunhão plena a ser realizada no futuro entre comunidades das igrejas que celebram juntas à mesa do Senhor; o segundo, que elaboraremos um pouco mais, e que foi discutido entre as duas Igrejas anteriormente mencionadas, a hospitalidade eucarística, é a possibilidade de participar nas ceias celebradas por outra confissão. Não é a concelebração e a participação constante; a hospitalidade eucarística acontece quando cada Igreja ministra o sacramento, a seu modo, admitindo, em situações especiais, membros de outra Igreja.

Segundo o livro *Hospitalidade eucarística*, as Igrejas Evangélica Luterana e Católica Romana, para efetivar a hospitalidade eucarística entre ambas, acreditam na “presença real de Jesus Cristo e que Ele é hospedeiro, hóspede e alimento”.(HOSPITALIDADE...,2000,p.11) Há consenso quanto à celebração sob dois aspectos: que a fé é a resposta à palavra proclamada, ou seja, é o próprio Cristo que se entrega por nós e provoca a nossa resposta de fé, que atua pelo amor; que no centro do sacramento está também a palavra. Os católicos, por sua vez, estão redescobrimo que a proclamação da palavra é parte integrante de toda celebração, ao mesmo tempo que os luteranos estão redescobrimo que o culto cristão, desde a origem da cristandade, mostra-se como culto eucarístico. As duas Igrejas, concluindo, concordaram que a comunhão com Cristo na Eucaristia é dádiva de salvação para nós e para o mundo. Esta comunhão é o que nos reconcilia com o Pai e ao mesmo tempo a reconciliação entre nós. A Eucaristia contém, implícita, uma dimensão social e política que promove a justiça, a paz e a preservação da criação (HOSPITALIDADE..., 2000).

Falando ainda sobre a prática da intercomunhão e da hospitalidade eucarística, a Comissão Teológica do Conic, formada em 1983 por representantes oficiais das igrejas, segundo Wolff (2002, p. 137), publicou em suas notícias (2002, n. 27) o seguinte:

“O Conic realizou seminários sobre a Eucaristia (sua natureza sacramental, prática da intercomunhão e da hospitalidade eucarística) e os ministérios (entre os aspectos tratados estão: sua sacramentalidade, sua origem como dom do Espírito Santo, sua necessidade para a edificação do Corpo de Cristo, a Igreja).”

Além de seus esforços para trabalhar com as Igrejas rumo à intercomunhão, o Conic também escreveu o documento de Lima, chamado o *Batismo, eucaristia e ministério (BEM)*.

Segundo Bock (1998, p. 90),

“o primeiro documento teológico traduzido e publicado com a aprovação da comissão central do CONIC foi “Batismo, Eucaristia e Ministério” (BEM), produzido pela Comissão de Fé e Constituição do Conselho Mundial de Igrejas (CMI). Esse documento é o resultado de dez anos de trabalho da Comissão de Fé e Constituição. Ele apresenta as convergências alcançadas pelas Igrejas a nível teológica, sobre três assuntos vitais para a sua existência: batismo, eucaristia e ministério. Para realizar essa publicação, o CONIC foi buscar parceria com o Centro Ecumênico de Documento e Informação (CEDI). A publicação saiu no final de 1983”.

Na terceira edição do documento *Batismo, eucaristia ministério* (BEM), na parte que trata sobre a Eucaristia, o Conic (BATISMO..., 2001, p. 43) diz:

“o melhor caminho para a unidade na celebração eucarística e na comunhão reside na própria renovação da eucaristia nas diversas Igrejas, no plano do ensino e da Liturgia. As Igrejas deveriam examinar de novo as suas liturgias à luz do crescente acordo eucarístico. O movimento da reforma litúrgica aproximou as Igrejas na sua maneira de celebrar a eucaristia. Desconhece-se, contudo, que uma certa diversidade litúrgica, compatível com a nossa fé eucarística comum, é uma realidade sã e enriquecedora. A afirmação de uma fé comum a propósito da eucaristia não implica uniformidade na liturgia e na prática”.

O Conic fez esforço para que o documento BEM, que é também conhecido como Documento de Lima, fosse divulgado e, ao mesmo tempo, estudado entre as Igrejas. Oferecendo ajuda às Igrejas para a recepção do documento, organizou um seminário nacional com representantes das cinco igrejas-membro que o compõem, de Igrejas observadoras e de entidades ecumênicas. Após este estudo, o resultado e debates foram resumidos num só documento final e enviado às Igrejas-membro juntamente com o público geral (Bock, 1998, p. 91). Tudo isso porque o Conic tem peso forte quanto se trata do assunto ecumênico entre os cristãos no Brasil, como também afirma Wolff (2002, p. 17), “Considera-se aqui que a trajetória histórica, a reflexão teológica e a orientação pastoral dessas igrejas apresentam elementos que são relevantes para a formação da consciência ecumênica no Brasil”.

### 3.2 IMPASSE COM BASE NOS RELATÓRIOS E ENTREVISTAS

Numa das notícias do Conic, encontramos as seguintes afirmações:

“Os participantes do Seminário sentiram-se animados pelo fato de poderem dialogar abertamente sobre pontos convergentes. A realidade é que o ecumenismo concretamente só envolve poucos leigos e poucos líderes das Igrejas, ainda é uma plantinha pequena e frágil. Mas há consciência de que o tempo é oportuno e urge e que a ordem e a promessa de Deus nos constroem” (Bock, 1998, p. 91).

É exatamente sobre estes pontos convergentes e divergentes, conforme mencionado pelo Conic, que queremos mostrar, buscando conhecer o que cada Igreja que faz parte do Conic diz a respeito da Eucaristia.

Todas as Igrejas as quais foram dirigidas as nossas perguntas responderam que a Eucaristia é o ponto central da fé cristã, que é um sacramento que deve ser celebrado porque Jesus Cristo assim o quis.

“A Igreja Luterana, ela tem dois Sacramentos, o batismo e a eucaristia. O batismo é o início de uma caminhada de fé, caminhada cristã, é a integração no corpo de Cristo... então a eucaristia é um sacramento super importante, ele não pode, de modo nenhum não ser vivenciado na Igreja Luterana, ele tem bastante peso” (Pastor Ervino, Apêndice 4, p. 109).

Pode-se confirmar que apenas este ponto mencionado é comum entre as Igrejas. Os seguintes são pontos divergentes.

### 3.2.1 Como as Igrejas Celebram a Eucaristia

Cada igreja tem a sua maneira de celebrar a Eucaristia, nenhuma celebra do mesmo modo que a outra. A Igreja Católica Romana celebra o rito romano, ao passo que a Igreja Católica Ortodoxa Siriana do Brasil segue o ritual de São Tiago, irmão de Jesus, escrito por São João Crisóstomo e São Basílio. A Igreja Metodista, na pessoa do pastor Edinei B. Redon, falando do ritual eucarístico, diz:

“Nós temos o ritual da ceia, e é maleável, ou ele pode ser adequado à realidade da comunidade, mas no ritual da ceia o que é imprescindível é o momento da confissão, onde os cristãos se recolhem na presença do Senhor, confessam as suas limitações e seus pecados e pedem perdão, a absolvição. O momento da consagração dos elementos, quando o Sacerdote, o pastor ordenado, ele ora a Deus, consagrando aqueles elementos, e pedindo que Deus esteja tão presente e ele mesmo, Jesus, celebrando, é o momento do humilde acesso, onde nós, com ações de graças, nos aproximamos da mesa [...]” (Apêndice 6, p. 115).

Segundo o sacerdote Elias Mayer, da Igreja Anglicana,

“o rito eucarístico anglicano é muito semelhante ao rito eucarístico na tradição católica romana, uma vez que o ritual anglicano teve a mesma matriz até o século XVI; então, a Igreja Anglicana utiliza o mesmo missal também” (Apêndice 7, p. 120).

Para a Igreja Luterana, no dizer do Pastor Walter Altmann, o rito eucarístico já é ecumênico,

“Ele, segundo a nossa ordem de culto, é bastante semelhante com o rito ecumênico... ele tem alguns variantes contextuais, assim como o próprio Vaticano II também fez uma reforma litúrgica, nós também, de uma ordem litúrgica alçada na tradição da Igreja, portanto, ele tem a parte central, as palavras da instituição, tem a ceia, tem a oração Euclese, a invocação do Espírito Santo, o Pai Nosso da tradição católica” (Apêndice 5, p. 112).

Muitas igrejas afirmam que o celebrante principal do sacramento da eucaristia é o ministro ou a ministra ordenados, exceto a Igreja Católica Romana e a Católica Ortodoxa Siriana, nas quais apenas os ordenados padres e bispos atuam como celebrantes, sem ordenação feminina. A Igreja Luterana pode escolher entre os leigos um celebrante da liturgia eucarística: “[...] mas nós, também, se o pastor, junto com a comunidade, encarrega alguém de celebrar, também pode celebrar, mas quem administra, quem preside, é o pastor ordenado ou a pastora ordenada” (Apêndice 4, P. 109).

“Portanto, todo aquele que comer este pão, beber o cálice do Senhor indignamente, será réu do Corpo e do Sangue do Senhor. Examina-se pois a si mesmo o homem: e assim coma deste pão, e beba deste cálice” (I cor 11, 27-28). As igrejas acreditam numa atitude reta do fiel antes de receber o corpo e sangue do Senhor. Muitas igrejas fora da Igreja Católica Romana já não fazem mais distinção entre quem pode e quem não pode comungar:

“[...] só procura comida quem tem fome, e Jesus Cristo disse que os médicos são para os doentes, qualquer cristão de qualquer denominação, isto é, de tradições apostólicas, confessando-se arrependido de seus pecados, isso a Deus, e



dizendo sou católico, ou anglicano, ou sou luterano, não tenho ministro para ministrar a eucaristia para mim, e quero comungar, a igreja dá” (Apêndice 3, p. 105).

De acordo com a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB),

“[...] quem convida não é o crente. Quem convida é o próprio Cristo e, agora quem somos nós para excluirmos alguém de outra Igreja que esteja lá de coração contundido, querendo oração” (Apêndice 4, p.109).

Os cânones da Igreja Metodista aceitam todos, pois

“[...] o pastor metodista não deve recusar a ceia a ninguém que se aproxime, só em caso extremo em que a pessoa sofreu um processo disciplinar eclesiástico ... aqueles que se aproximam são servidos”. (Apêndice 6, p. 115).

A Igreja Católica parece assumir uma posição contrária às das outras igrejas com relação a quem pode participar na mesa eucarística. O arcebispo de Goiânia, Dom Washington Cruz, diz: “só os que estão em estado de graça, e os que têm a mesma fé da igreja, os que estão em paz com os irmãos” (Apêndice 2, p. 58). O bispo católico da diocese de Jataí, Dom Aloísio Hilário de Pinto, falando sobre o mesmo assunto, diz: “Quanto à participação na ceia Eucarística, propriamente dita, eu prefiro me ater mais às próprias normas, eu não seria muito liberal de deixar para quem quiser, não, aí é diferente” (Apêndice 1, p. 101).

### 3.3 CONCLUSÃO EUCARISTIA ECUMÊNICA?

Segundo o documento sobre eucaristia e ecumenismo da CNBB,

“Essa situação é uma ferida na unidade que Jesus pediu e que a Eucaristia sinaliza. Enquanto não formos verdadeiramente Igrejas irmãs, celebraremos a Eucaristia com uma falha na unidade que ela exige, mesmo que nossa própria comunidade seja um primor de concórdia. Isso não se resolve simplesmente decretando a comunhão com todos: se a unidade realmente ainda não existe, tal declaração estaria sacrificando a verdade. Mas também não podemos simplesmente nos conformar com essa situação, contrária aos sentimentos e à orientação do próprio Cristo que recebemos na Eucaristia”. (CNBB, 2000, p. 40)

Contudo, de toda forma, sabemos que a Igreja Católica Romana – que todos esperam que abra seus ensinamentos, como outras Igrejas – quer se resguardar, não abrir mão do grande tesouro eucarístico que guardou por séculos afora:

“Olha, rigorosamente eu acredito que não, e vou lhe explicar o porquê: porque a questão não depende da Igreja Católica, e a Igreja por sua vez também. Eu acredito que esse é um ponto base. Ela não pode abrir mão de certos princípios e de certos valores da fé cristã. Por exemplo, se você facilitar uma celebração Eucarística, você muda a definição teológica da eucaristia, e eu considero isso uma perda. A eucaristia... ela define, identifica muito bem a Igreja. Agora, eu estou de pleno acordo que nós podemos ter vários momentos de celebrações ecumênicas, celebrações universais, com a participação, inclusive, de pastores, de outras igrejas. A Igreja não proíbe,

não impede. Mas a questão da concelebração, aí é diferente.”  
(Dom Aloísio Hilário de Pinho, Bispo de Jataí, Apêndice 1, p. 101).

Para a hierarquia eclesial católica, é possível uma eucaristia ecumênica, porém, apenas quando houver unidade plena das Igrejas. Então, ela não seria mais ecumênica no nosso entendimento atual. Muitos esperam a unidade plena das Igrejas acontecer primeiro, quando, então, haverá também uma só eucaristia, uma só Igreja, portanto, todos reunidos ao redor do mesmo altar, do mesmo Cristo presente na eucaristia. Os cristãos, contudo, não deixam de perceber a eucaristia ecumênica como uma situação embaraçosa, especialmente quando observam que alguém de outra igreja não tem a mesma fé, sobretudo se não tem a mesma fé em torno da eucaristia. A Igreja Católica acredita que o ponto alto, o ápice da vida da Igreja é a eucaristia, então, para acontecer a eucaristia, é necessária uma plena comunhão com os batizados (Dom Washington Cruz, Apêndice 1, p. 101).

De uma maneira ou de outra, a Igreja Católica é vista como guardiã do grande tesouro cristão que é a eucaristia. Surgem desconfianças quando algum de seus membros pretende celebrar a eucaristia ecumênica, consideram-na sem sentido, uma vez que os seus líderes não a aprovam, especialmente os do Vaticano. Vejamos a palavra do Monsenhor José Faustino Filho, da Igreja Ortodoxa Siriana do Brasil, sobre a eucaristia ecumênica:

Na Campanha da Fraternidade Ecumênica 2002, reunidos com todos os bispos, eu lembro que Dom Sinésio Bohn disse: quem sabe até poderemos celebrar a eucaristia ecumênica no dia do lançamento da 2000. Mas eu falei: Dom Sinésio, com a autorização de quem?, porque o Vaticano não dá, o nosso

patriarca também não dá. Porque, vejamos bem, aquele documento... é... do Papa sobre a eucaristia, deixou bem claro, e esse último que vai sair, não sei se já saiu, esse último que vai sair agora, também, ele proíbe até que os padres dêem comunhão a políticos, aos cientistas que apóiam o aborto, e proíbe a participação de outros que não sejam católicos na eucaristia, agora, o nosso patriarca tem o ecumenismo muito resguardado, sendo o terceiro presidente do Conselho Mundial das Igrejas, ele nos aconselha que devemos tomar cuidado com o ecumenismo do Vaticano II, Por quê? Todos os Bispos trabalham o ecumenismo, mas com a finalidade, aquele que João Paulo II diz, o documento, o Concílio Vaticano II, também diz: todos terão que voltar para o redil da Igreja de Cristo, porque, vejamos, foram fundadas outras Igrejas, até o sétimo concílio ecumênico é um, mas a do patriarcado de Jerusalém, patriarcado de Roma, Roma foi o último, só como era patriarcado de Roma, Alexandria, Antioquia, Jerusalém, os apóstolos foram os fundadores da Igreja Copta do Egito, da Igreja da Grécia, Paulo da Igreja da Grécia, da Igreja do Egito, São Marcos, da Antioquia, São Tomé, e por aí vai. Agora que João Paulo II legitimou sucessor de São Pedro. Quem sabe, no futuro, poderia ter uma fé, uma Igreja... “.(Apêndice 3, p. 105)

Passos já foram dados, até o próprio CONIC, rumo à essa união, que um dia esperamos resultar na eucaristia ecumênica. Tudo se dá passo a passo, sem nenhum atropelo, primeiro a união das próprias Igrejas que compõem o Conic:

“Eu desejo que isso aconteça, agora, infelizmente, algumas regras ainda não podem ser transpostas de um dia para o outro. O Conic teve um seminário sobre a eucaristia. Na verdade, foi um seminário com um tema específico, seria um passo anterior ao que o senhor está perguntando, a celebração

ecumênica, a concelebração ecumênica seria um passo bem mais avançado. Que nós possamos discutir, estudar sobre a hospitalidade eucarística. Na nossa igreja, não tem problema, como já falei, mas mesmo isso já é difícil, imagina uma celebração ecumênica, mas nós precisamos chegar lá”. (SCHMIDT, Apendice 4, p. 109).

Parece que as outras Igrejas abririam mão com facilidade,mas, ao mesmo tempo, elas compreendem alguns problemas que seguram a realização desta eucaristia ecumênica. Um deles é a questão da sucessão apostólica, que seus ministros não são legitimamente ordenados com a imposição das mãos, que remonta desde o próprio Jesus Cristo. Essas igrejas, mesmo sendo do protestantismo tradicional como as igrejas Luteranas, Anglicanas presbiterianas e metodistas, querem também quadrar a sua tradição, desconfiam do poder religioso da imposição que poderia surgir das outras igrejas, como afirma Bourdieu (2004, p. 33),

“a religião contribui para a imposição (dissimulada) dos princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo e, em particular, do mundo social, na medida em que impõe um sistema de práticas e de representações cuja estrutura objetivamente fundada em um princípio de divisão política apresenta-se como a estrutura natural-sobrenatural do cosmos”

## CONCLUSÃO

Conseguimos mostrar nos três capítulos deste trabalho a diversidade religiosa no Brasil como ponto forte que provoca a necessidade do ecumenismo. O Conic foi apresentado desde a sua formação, com seu objetivo, até os grandes esforços que ele desempenha para a realização de uma hospitalidade eucarística que busca a tolerância e até mesmo, no futuro, a intercomunhão entre as igrejas. O problema maior, como vimos na parte da eucaristia, é que cada igreja quer se autoconservar, nenhuma quer se abrir, para não perder sua própria identidade, como afirma Meyer (2003, p. 53).

“Preocupação com a conservação da identidade, confessionalismo ressurgente, imobilidade e inércia das igrejas como instituições, interesses de poder eclesiástico, dificuldade de tornar compreensíveis e repassar os resultados do diálogo nas comunidades, perda geral de motivação ecumênica, fatores não-teológicos e coisas semelhantes”.

Porém, não precisamos nos desesperar ante a grandeza do problema. Algo já está sendo feito e tem-se alcançado sucesso. A pergunta sobre o resultado ecumênico nunca poderá ser se os esforços ecumênicos realizaram a unidade

visível da igreja, ao contrário, a pergunta só poderá ser esta: se os esforços produziam coesão, 'consenso', portanto, na compreensão e confissão da fé apostólica (Meyer, 2003, p. 50).

Contudo, na busca deste consenso, não se pode pretender abandonar as confissões e fazê-las desaparecer, deve-se antes levar as confissões para o interior do movimento ecumênico e mantê-lo aberto para as diversas convicções e preocupações confessionais.

A pretensão deste trabalho é levantar estes problemas e remete-los ao conhecimento da comunidade para que sejam intensificados diálogos com a firme convicção de que se trata do centro da fé cristã, a eucaristia.

Esse diálogo, de uma maneira ou de outra, deve-se centrar entre as igrejas do Conic, uma vez que elas são grandes defensores da tradição cristã. A Igreja Católica Romana, neste ponto, desempenhará importantíssimo papel, já que não tem apenas o maior número dos fieis cristãos, mas também uma maior concentração da tradição apostólica. O que foi anteriormente, neste caso, vale muito para ela. Isto é, o medo que as igrejas têm de perder aquilo que as faz serem quem são, enfim, sua identidade. Alguém poderia culpar a Igreja Católica Romana do não avanço no assunto da celebração eucarística entre as igrejas, porém, podemos afirmar que não é fácil abrir mão de uma tradição de séculos, como a da transubstanciação. Ela é que se sente guardiã destes grandes valores da religião cristã. Porém, essa divisão das igrejas não é do querer de Jesus, que sonhe muito com a união dos seus seguidores. Não é possível reduzir todo o problema a um denominador comum e, muito menos, cura-lo pela raiz. Ao mesmo tempo, a ânsia que voltou aos últimos anos a intensificar a um "ecumenismo espiritual", a uma "espiritualidade ecumênica",

fala também de uma “conversão ecumênica das igrejas”. (GROUPE apud MEYER, 2003, p. 53).

Portanto, trata-se de uma auto-avaliação das igrejas, composta de membros que são seres humanos, e como sabemos, onde existem pessoas, existe a necessidade de se buscar o melhor possível.



## REFERÊNCIAS

ALDAZÁBAL, J. *A Eucaristia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BARROS, M. *O sonho de Paz*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

BASTIDE, R. *As Religiões Africanas no Brasil, volume II*. São Paulo: Livraria Pioneira, 1989.

BAYCROFT, J. *O Jeito de ser anglicano*. Trad. BARROS, R. S. F. de 2º. ed. Santa Maria: Igreja Episcopal Anglicana do Brasil Diocese Sul-Occidental, 2003.

BERGEN, L. P. *Dossiê Sagrado, Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião*. V. 3. São Paulo: Paulus, 1985.

BÍBLIA DE JERUSALÉM (BJ). Trad. Texto São Paulo: Paulus, 2004.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. DE FIGUEREDO. P.A Ed Sivadi, São Paulo. 1979.

BOCK, C.G. *O ecumenismo eclesiástico em debate: uma análise a partir da proposta ecumênica do Conic*. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

BUYST, I. *Celebrar com símbolos*. São Paulo: Paulinas 2001.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 1993.

CNBB: Confederação Nacional de Bispos do Brasil. *Guia ecumênico: informações, normas e diretrizes sobre ecumenismo*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2003. (Coleção Estudos da CNBB, N. 21).

\_\_\_\_\_. *Eucaristia – vida que se celebra*. São Paulo: Loyola, 2000.

COENEN, L. e BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia Do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000.

COLÉGIO Episcopal da Igreja Metodista. Carta pastoral do Colégio Episcopal sobre a ceia do Senhor. *Biblioteca Vida e Missão*, São Paulo, n. 2, 1996.

COLÉGIO Episcopal da Igreja Metodista. Carta pastoral do Colégio Episcopal sobre Ecumenismo. *Biblioteca Vida e Missão*, São Paulo, n. 4, out. 1999.

COLÉGIO Episcopal da Igreja Metodista. Carta pastoral sobre os sacramentos. *Biblioteca Vida e Missão*, São Paulo, n. 8, nov. 2001.

CONCÍLIO Ecumênico Vaticano II. Decreto Unitatis redintegratio sobre o ecumenismo. In: CONCÍLIO Ecumênico Vaticano II. *Vaticano II: mensagens, discursos, documentos*. Tradução de Francisco Catão. São Paulo: Paulinas, 1998.

CONIC: Conselho Nacional das Igrejas Cristãs do Brasil. Disponível em: <<http://www.conic.com.br>>. Acesso em: 29 abril. 2004.

CONSELHO Mundial de Igrejas. *Batismo, eucaristia, ministério*. Tradução do francês: A. J. Dimas Almeida. 3. ed. São Paulo: Aste, Koinomia, Conic, 2001.

CROATTO, J. S. *As linguagens da experiência religiosa*. São Paulo: Paulinas, 2001.

DIVERSIDADE e Comunhão. Clai e Conic Paulinas, São Paulo, 2000.

DurKheim, É. *As Formas Elementares de Vida Religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1989.

ELIADE, M. *O sagrado e o profano*. São Paulo: M. Fontes, 1996.

Enciclopédia Britânica do Brasil, Publicações. São Paulo – Rio de Janeiro Brasil, 1987.

ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL, V. 7, P. 3576 – 3579. ed

FIORES, S de; GOFFI, T. *Dicionário de espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 1993.

GIRARD, M. *Os símbolos na Bíblia*. Paulus, 1997.

GIRARD, R. *A Vidência e o Segredo*, V. 2. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

HORTAL, J. *E haverá um só rebanho: história, doutrina e prática católica do ecumenismo*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

HOSPITALIDADE Eucarística. Subsídios elaborados pelo seminário bilateral misto católico romano-evangélico luterano. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

JOÃO PAULO II. *Redemptoris Missio*, n. 32.

JUNG, G. C. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

- \_\_\_\_\_. O símbolo da transformação na missa. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 1991.
- LACOSTE, J. Y. *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- LIVRO De Oração Comum, Forma abreviada e atualizada com os salmos Litúrgicos*. Igreja Episcopal do Brasil. Província da comunhão Anglicana. Ed. Gráfica
- MANOEL, C. Quinta, DALBOSA. H. *Missal cotidiano. Missal da Assembléia Cristã*. Ed. Paulus. 5ª ed, SP, Trad. Häuser Beck Alberto. 1985.
- Metrópolis. Porto Alegre. S.A, 1987.
- MAYER, H. *Diversidade reconciliada – O Projeto Ecumênico*. Sinodal, 2003.
- METRAUX, A. *A religião dos tupinambás*. São Paulo: Nacional, 1979. p. 400.
- NASSER, M. C de C. *O que dizem os símbolos?* São Paulo: Paulus, 2003.
- OLIVEIRA, M. de. C, *Pólo de desintegração nacional. Notícias do Conic*, n. 19, p. 6-7, 1995.
- OTTO, R. *O sagrado*. São Paulo: Imprensa Metodista e Ciências da Religião, 1985.
- PIKAZA, X. *O Deus Cristão. Dicionário de Teológico*. São Paulo: Paulus, 1988.
- QUEIRUGA, A. T. *O Dialogo das religiões*. São Paulo: Paulus, 1997.
- SARTORE, D e TRIACCA, A M. *Dicionário de Liturgia*. Paulus. Título original: Nuovo dizionario di Liturgia e cura, di D. SARTORE e TRIACCA, A. M. (Milano). 1992 (Comunidade antiga e Eucaristia).
- Site: <[http://l\(aian\).feranet21.com.br/dicas/portuguesa/literatura/portuguesa/classismo – prensa / capitalismo mercantil. Htn.](http://l(aian).feranet21.com.br/dicas/portuguesa/literatura/portuguesa/classismo-prensa/capitalismo-mercantil.htm)
- Site:<[http://www.igrejareformada.ca/biblioteca?Catecismo\\_Maior\\_Westminster\\_4.html](http://www.igrejareformada.ca/biblioteca?Catecismo_Maior_Westminster_4.html)>.
- TEOLOGICA, Perspectiva. Ano XXXII – 2000, nº 87 – Maio/Agosto. Faculdade de Teologia, Centro de Estudos da Companhia de Jesus. Belo Horizonte – MG, 2000.
- THE Jerusalem Bible, Standard Edition. Ed, Verbum Bible, Kinshasa, Zaire. Africa, 1990

TOMITA, L. E. e BARROS, M. e VIGIL, J. M. *Pluralismo e Libertação por uma teologia latino-americana pluralista a partir da fé cristã*. São Paulo: Logora (Orgs), 2005.

VALDECIR, C. *Recordando a minha primeira Eucaristia* SP, Ed. Paulus, 2003.

WEBER, M. *Economia e sociedade*. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília, Ed. UNB, 1991.

WOLFF, Elias. *Caminhos do ecumenismo no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2002.

\_\_\_\_\_. *O ecumenismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2000.

\_\_\_\_\_. *Ministros do dialogo, o dialogo ecumênico e inter-religioso na formação presbiterial*. São Paulo: Paulus, 2004.

## APÊNDICE 1 – ENTREVISTAS

### DOM ALOÍSIO HILÁRIO DE PINHO, BISPO DE JATAÍ

**Cletus:** Qual a sua concepção, como bispo da Igreja Católica, sobre a eucaristia: o que é a eucaristia?

**Dom Aloísio:** A eucaristia, para mim, é o ponto de unidade, ponto central da vida da Igreja. A Igreja vive, e sem a Eucaristia ela não pode existir, nem a Eucaristia também. A Igreja sem o sacerdote é a mesma coisa, então é um ponto, e pode-se dizer também que a Eucaristia, conforme o próprio Concílio Vaticano II, é o ápice da fé cristã.

**Cletus:** O senhor acha que é possível uma eucaristia ecumênica?

**Dom Aloísio:** Olha, rigorosamente eu acredito que não, e vou lhe explicar o porquê: porque a questão não depende da Igreja Católica, e a Igreja por sua vez também. Eu acredito que esse é um ponto base. Ela não pode abrir mão de certos princípios e de certos valores da fé cristã. Por exemplo, se você facilitar uma celebração Eucarística, você muda a definição teológica da eucaristia, e eu considero isso uma perda. A eucaristia... ela define, identifica muito bem a Igreja. Agora, eu estou de pleno acordo que nós podemos ter vários momentos de celebrações ecumênicas, celebrações universais, com a participação, inclusive, de pastores, de outros. A Igreja não proíbe, não impede. Mas a questão da concelebração, aí é diferente.

**Cletus:** Qual é o rito eucarístico de sua Igreja?

**Dom Aloísio:** O rito eucarístico que nós seguimos é o romano, especificamente romano.

Bom, eu tenho pouco conhecimento... assim... de outros ritos eucarísticos, mas eu tive convivência com inclusive um outro colega meu na mesma época e que hoje é bispo lá na Argentina, e ele celebrava outro rito, mas eu acho que os valores se completam, há tantas coisas que na... o bizantino, por exemplo, que eu acho que enaltece e valoriza mais a própria eucaristia.

**Cletus:** Quem pode celebrar?

**Dom Aloísio:** Na minha Igreja, os Sacerdotes regularmente ordenados e qualquer outro bispo de fé cristã e que comunga com a Santa fé, com a Igreja de ministro ordenado.

**Cletus:** E quanto à participação na ceia Eucarística, quem participa?

**Dom Aloísio:** Quanto à participação na ceia Eucarística, propriamente dita, eu prefiro me ater mais às próprias normas, eu não seria muito liberal de... para quem quiser, não, aí é diferente.

O que inclusive a eucaristia... muitos têm... a toma a gente percebe nas grandes celebrações, e o povo tocado, simplesmente, pela emotividade, vai para receber a Hóstia, para comungar, e achando que a Eucaristia simplesmente é um sacramental, como se fosse uma benção, ou uma refeição, um pão abençoado.

**Cletus:** Por acaso, para um pastor da Igreja Cristã não Católica, o senhor daria a eucaristia?

**Dom Aloísio:** Olha, ali, de momento, por si, eu daria, porque não estaria questionando muito a coisa, mas se esta pessoa tivesse por acaso de ser esclarecido e orientado, porque a comunhão, em si, não é só receber aquele Corpo de Cristo, aquela Hóstia, mas é mais também alguma coisa, é comungar com a Igreja Católica.

## APÊNDICE 2

### DOM WASHINGTON CRUZ, ARCEBISPO METROPOLITANO DE GOIÂNIA

**Cletus:** Qual a sua concepção, como bispo da Igreja Católica, sobre a eucaristia: o que é a eucaristia?

**Dom Washington:** Então, a Eucaristia, como bem sabemos, é a presença de Cristo ressuscitado, no meio do seu povo. Cristo, na última ceia, fez a eucaristia, e, através da Eucaristia, fez a Igreja. Cristo fez a eucaristia, a eucaristia faz a Igreja, portanto, somos muitos e formamos um só corpo, o Corpo de Cristo, o Corpo de Cristo sacramental que é o pão da eucaristia. O Sangue por nós derramado. E há o Corpo de Cristo, que é a Igreja, que é formado pela eucaristia e alimentado pela eucaristia.

**Cletus:** O senhor acha que é possível uma eucaristia ecumênica?

**Dom Washington:** Eucaristia, quando houver unidade plena das Igrejas, então será possível, mas não será mais ecumênica, no entendimento que temos hoje do tema ecumenismo. Seria o diálogo, a aproximação e o diálogo entre as Igrejas. Quando chegarmos à unidade plena, então haverá uma só eucaristia, uma só Igreja, portanto, todos reunidos ao redor do mesmo altar, ao redor do mesmo Cristo presente na Eucaristia.

**Cletus:** Qual é o rito que a nossa Igreja diocesana celebra, rito eucarístico?

**Dom Washington:** Nós somos do rito romano, tem lá outro, a não ser o rito romano, a Igreja Católica é a Igreja do ocidente que celebra a eucaristia com o rito romano, tem as instruções com o missal romano etc. as Igrejas no oriente têm outros ritos, mas também unidos a Roma, a Igreja romana, e há outros que não são da Igreja romana, como por exemplo, os ritos celebrados nas Igrejas Ortodoxas.

**Cletus:** Quem pode celebrar, qual a pessoa que celebra na nossa Igreja?

**Dom Washington:** Todos são celebrantes na nossa na Igreja Católica, a comunidade é celebrante. Agora, o sacerdote celebra de uma forma e os fiéis, de outra. O sacerdote, exercendo o sacerdócio ministerial, atuando em nome de Cristo, cabeça da Igreja, e os fiéis, exercendo seu sacerdócio comum. Não há Eucaristia sem sacerdócio, sacerdócio ministerial, e a Eucaristia é a celebração do sacerdote em função da comunidade.

**Cletus:** O sacerdote, mesmo sem os fiéis, pode celebrar?

**Dom Washington:** Claro, na última encíclica do papa *Ecclesia de Eucharistia* isto está implícito, porque a Igreja está sempre presente, mesmo quando o sacerdote celebra sozinho, pela e para a Igreja que ele celebra.

**Cletus:** Quem pode participar na mesa eucarística?

**Dom Washington:** Só os que estão em estado de graça, e os que têm a mesma fé da Igreja, os que estão em paz com os irmãos.

**Cletus:** No caso, um pastor luterano, um pastor anglicano, coloca-se na fila da eucaristia, querendo comungar com os católicos e depois volta para a sua comunidade. O senhor daria a eucaristia?

**Dom Washington:** Esta é uma situação embaraçosa, porque o pastor luterano ou anglicano não tem a mesma fé católica, mas não só não tem a mesma fé em torno da eucaristia como também não tem a plena comunhão de vida na Igreja Católica. Esperamos que a eucaristia é o ponto alto, o ápice, sempre o ápice da vida da Igreja, como diz o Concílio, então, para haver a eucaristia, todos... é necessário que em plena comunhão com os batizados.



**APÊNDICE 3**  
**MONSENHOR JOSÉ FAUSTINO, IGREJA CATÓLICA ORTODOXA**  
**SIRIANA DO BRASIL**

**Cletus:** Qual a sua concepção, como clero, bispo, monsenhor da Igreja Ortodoxa, sobre a eucaristia?

**Monsenhor José Faustino Filho:** A eucaristia é o ponto essencial da Igreja, o encontro com o nosso patriarca, com o Papa, eles acertaram tudo em relação aos sacramentos, e seis sacramentos, tudo igual, mas quando chega na eucaristia, ainda não podemos concelebrar juntos, por quê? Falaram tudo, mas chegando no ponto principal, artigo oitavo da declaração conjunta, sendo ela a eucaristia o ápice da Igreja, ainda não podemos concelebrar juntos, como os dois conversavam, Inácio e João Paulo II, devido algumas heresias nós temos que acertar por questão de justiça, quer dizer a Igreja Patriarcal da Antioquia, ela separou-se no terceiro concílio, Concílio de Efésio, há muito tempo, então, têm algumas coisas que precisam ser acertadas entre eles, os chefes supremos das Igrejas, sobre a eucaristia.

Então em resumo, a Eucaristia como na Igreja Católica, que é vista como o ponto alto da vida sacramental da Igreja... É o ponto alto da Igreja, é o ápice da Igreja, é a eucaristia.

**Cletus:** O senhor celebra qual rito?

**Monsenhor José Faustino Filho:** Rito... seria o ritual de São Tiago, irmão de Jesus.

É de São João Crisóstomo e São Basílio; o Siriaco é de São Tiago ou de São João Evangelista.

**Cletus:** Com esse rito na Igreja Ortodoxa, quem pode celebrar?

**Monsenhor José Faustino Filho:** Nesse rito?, só os padres e bispos. O ministro ordenado, padres e bispos, quem celebra a EUCARISTIA na Ortodoxa ou os demais sacramentos.

**Cletus:** Quem participa, os fiéis, quem pode comungar e quem não?

**Monsenhor José Faustino Filho:** Era para ter, mas o nosso idealizador no Brasil ele diz que só procura comida quem tem fome, e Jesus Cristo disse que os médicos são para os doentes, qualquer cristão de qualquer denominação, isto é, de tradições apostólicas, confessando-se arrependido de seus pecados, isso a Deus, a mim não, e dizendo sou católico, ou sou anglicano, ou sou luterano, não tenho ministro para ministrar a eucaristia para mim, e quero comungar, a Igreja dá. Enquanto como tem na Igreja, para os fiéis, e que estiver em estado de graça, ou que tiver um pecado mortal, tomar ou não a comunhão...

A confissão... só pode chegar à eucaristia, quem confesse os pecados, tem que haver arrependimento e a conversão, mas na nossa leitura, se você está na missa na hora da eucaristia, sente o desejo de participar, é preciso você vir a mim para confessar, sim, seria necessário, mas, em muitas circunstâncias, não tem como, então é você e Deus.

Aí, depois da missa, pode chegar ao padre, ou celebrante, administrar a celebração, porque é o principal e nós nos confessamos, temos que confessar ao menos uma vez por ano com o Bispo. Já para nós, ainda não é no tempo da páscoa, no tempo penitencial; ou quaresma ou advento.

**Cletus:** Agora, chegando ao ponto crucial da nossa pesquisa, o senhor acha que é possível uma eucaristia ecumênica?

**Monsenhor José Faustino Filho:** Na Campanha da Fraternidade Ecumênica 2002, reunimos com todos os bispos, e lembro que Dom Sinésio Bohn, ele disse: quem sabe até poderemos celebrar a eucaristia ecumênica no dia do lançamento da 2000. Mas eu falei; Dom Sinésio, com a autorização de quem?, porque o Vaticano não dá, o nosso patriarca também não dá. Porque, vejamos bem, aquele documento... é... do Papa sobre a eucaristia, deixou bem claro, e esse último que vai sair, não sei se já saiu, esse último que vai sair agora, também, ele proíbe até que os padres dêem comunhão a políticos, aos cientistas que apóiam o aborto, e proíbe a participação de outros que não sejam católicos na eucaristia, agora, o nosso patriarca tem o ecumenismo muito resguardado, sendo o terceiro presidente do Conselho Mundial das Igrejas, ele nos aconselha que devemos tomar muito cuidado com o ecumenismo do Vaticano II, Por quê? Todos os bispos trabalham o ecumenismo, mas com a finalidade, aquele que João Paulo II diz, o documento, o Concílio Vaticano II, também diz: todos terão que voltar para redil da Igreja de Cristo, porque, vejamos, foi fundado outras Igrejas, até o sétimo concilio ecumênico é uma, mas a do patriarcado de Jerusalém, patriarcado de Antioquia, patriarcado de Alexandria, patriarcado de Constantinopla, patriarcado de Roma, Roma foi o último, só como era patriarcado de Roma, Alexandria, Antioquia, Jerusalém, os apóstolos foram os fundadores da Igreja Copta do Egito, da Igreja da Grécia, Paulo da Igreja da Grécia, da Igreja do Egito, São Marcos, da Antioquia, São Tomé, e por aí vai. Agora que João Paulo II legitimou sucessor de São Pedro.

Quem sabe, no futuro, poderia ter uma fé, uma Igreja...

Isso, todas as Igrejas Ortodoxas, ontem é solenidade no Vaticano, o Papa entregou o pálio ao patriarca.

**Cletus:** Então, o Sacerdote da Igreja Ortodoxa, não pode celebrar só?

**Monsenhor José Faustino Filho:** Não, tem que ter dois, duas pessoas que concelebra, ele e mais outra, porque a eucaristia não é para um só, nem para o Cristo só.

**Cletus:** E a representação de Cristo na pessoa do sacerdote, como outro Cristo...

**Monsenhor José Faustino Filho:** O sacerdote é um outro Cristo mas, na celebração... celebração eucarística, tem que ter alguém vivo para participar.

**Cletus:** E são aconselhados, os sacerdotes, à celebração diária?

**Monsenhor José Faustino Filho:** Não, o sacerdote da Igreja Ortodoxa tem obrigação de celebrar uma vez por semana. Para celebração diária, precisa de autorização do bispo.

**Cletus:** Então, poderíamos dizer que a Igreja Católica Romana tentou se adaptar à Ortodoxa e restringiu certas coisas?

**Monsenhor José Faustino Filho:** Sim, poderia dizer, a Igreja Romana... ela quando vê que o leque está fechando, ela abre, está fechada também, olha a Igreja, a nossa Igreja, a Igreja Ortodoxa, ela lá fora, é só para os de origem síria, na Índia foi fundada, foi construída a Igreja Hindu, para os hindus, só que isto de São Tomé é para os hindus, e temos a Igreja do mar, mar tomba, que é para os descendentes no Brasil até a necessidade, e porque a Igreja Síriaca, do Patriarcado, é muito restrita, com três Igrejas de colônia, a Santa Maria, em São Paulo, São Jorge, em Campo Grande, São Pedro, em Belo Horizonte e outra de São João Batista, em São Paulo. Essas quatro, com meia dúzia de fiéis, de famílias, que é preciso estar dando apoio.

**Cletus:** Monsenhor – a última pergunta –, o senhor acha que isto poderia influenciar a grande competição existente hoje entre as Igrejas?

**Monsenhor José Faustino Filho:** Não, porque a Igreja Ortodoxa é isto... não promete milagres, o maior milagre da Igreja é a eucaristia. Busca na eucaristia, busca a reconciliação com o teu próximo, eucaristia.

## .APÊNDICE 4

### PASTOR ERVINO SCHMIDT, IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB)

**Cletus:** O senhor poderia falar sobre a posição que o senhor ocupa no Conic?

**Pastor Ervino:** Olha, eu, desde 92, sou secretário executivo do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs no Brasil, e estou acompanhando muito de perto, este é o meu trabalho, obviamente, e é uma das coisas maravilhosas poder trilhar o caminho da unidade. Os objetivos do Conic são justamente estes, buscar a unidade, prover às Igrejas de um espaço onde elas podem se encontrar e alugar e traçar projetos comuns. Agora mesmo, amanhã, nós teremos a reunião dos presidentes do bolo das Igrejas Cristãs no Conic.

Uma vez ao ano, nós nos reunimos, os mais altos graus eclesiásticos, para que eles troquem idéias, entre si, sobre as igrejas e o que estão sentindo na caminhada ecumênica, e, ao mesmo tempo, também avaliem o trabalho do Conic por estas Igrejas filiadas, porque o Conic não é uma Igreja, não é uma super igreja, não é nada disso, mas ele é, simplesmente, um instrumento nas mãos dessas Igrejas para a busca da unidade, mas têm uma outra linha de trabalho do Conic que eu diria, assim, mais histórica, profética. É, seria mais a dimensão profética de ficar observando a realidade brasileira e confrontá-la com o Evangelho no sentido de buscar é... de buscar levantar a voz dessas Igrejas quando necessário em defesa dos excluídos, numa dimensão política profética que é inerente ao Evangelho.

**Cletus:** Qual a sua concepção, como Pastor da Igreja Luterana, sobre a Eucaristia. O que o senhor acha que a eucaristia é?

**Pastor Ervino:** A Igreja Luterana, ela têm dois sacramentos, o batismo e a eucaristia. O batismo é o início de uma caminhada de fé, caminhada cristã, é a

integração no Corpo de Cristo... é a Santa Ceia, nós chamamos de Santa Ceia, chamamos de comunhão, nós podemos chamar de diversos nomes. A Ceia da Comunhão também, que está como que alimentando esta caminhada. O Pão e o Vinho alimentando a fé nesta caminhada iniciada com o batismo, então a eucaristia é um sacramento super importante, ele não pode, de modo nenhum, não ser vivenciado na Igreja Luterana, ele tem bastante peso.

**Cletus:** Ela é Deus... Por exemplo, na Igreja Católica e na Igreja Ortodoxa, a Ceia, a eucaristia é celebrada como presença real de Jesus Cristo?

**Pastor Ervino:** Sim, na celebração da eucaristia, da Santa Ceia, Deus está realmente presente. Ele está presente de maneira real. Não é um... digamos assim, uma cerimônia de lembrar algo. É realmente a presença real de Jesus no Pão e no Vinho. Isso, para nós, é realmente muito importante, para Lutero foi muito importante. Cristo é no Pão e no Vinho. Eu poderia dizer também que ela é um convite para todos, todas as pessoas são chamadas para a Ceia, todos os batizados são chamados à Ceia, e também não só os membros da nossa Igreja são chamados, por exemplo: estando em nossa Igreja num domingo de culto, se diz muitas vezes que este convite é estendido a todas as pessoas que se encontram ali dentro.

**Cletus:** Qual é o rito da sua Igreja?

**Pastor Ervino:** O rito é o que vem da Igreja antiga.

**Cletus:** Quer dizer da Católica?

**Pastor Ervino:** De antes da Católica, da Igreja antiga mesma, que vem da Igreja primitiva, portanto, é muito semelhante ao da Igreja Católica Romana, porque vem da Igreja antiga, mas é com fervor e boa medida espiritual. Tem a oração, a oração e rito da presença, tem as palavras da instituição que são claramente pronunciadas.

Faz-se o sinal da cruz sobre os elementos, durante a celebração, e se canta o hino da eucaristia, durante a ida do povo à Ceia e, no final, a oração de agradecimento e o canto de ação de graças.

**Cletus:** Quem pode celebrar?

**Pastor Ervino:** O pastor ou a pastora ordenados pode celebrar, mas nós também, se o pastor, junto com a comunidade, encarrega alguém de celebrar, também pode celebrar, mas quem administra, quem preside é o pastor ordenado ou a pastora ordenada ou digamos o crendo ordenado [...].

**Cletus:** Agora, quanto à participação, o senhor já entrou um pouquinho no assunto. Na ceia eucarística, tem restrição, é restringido a alguma parte ou é aberto a todos os cristãos, sejam luteranos, seja católicos...?

**Pastor Ervino:** Eu penso que é muito importante perceber aqui que quem convida não é o crente. Quem convida é o próprio Cristo e, agora quem somos nós para excluirmos alguém de outra Igreja que esteja lá de coração contundido, querendo a oração. Quem somos nós. E também nós achamos que é uma ceia para pecadores. Não é os sãos que precisam de médico, são os doentes.

**Cletus:** O Senhor acha que é possível uma celebração ecumênica da eucaristia?

**Pastor Ervino:** Eu desejo que isso aconteça, agora infelizmente algumas regras ainda não podem ser transpostas de um dia para o outro. O Conic teve um seminário sobre a eucaristia. Na verdade, foi um seminário com um tema específico, seria um passo anterior ao que o senhor está perguntando, a celebração ecumênica, a concelebração ecumênica seria um passo bem mais avançado. Que nós possamos discutir, estudar sobre a hospitalidade eucarística. Na nossa igreja, não tem problema, como já falei, mas mesmo isso já é difícil, imagina uma celebração ecumênica, mas nós precisamos chegar lá.

## APÊNDICE 5

### PASTOR WALTER ALTMANN, PRESIDENTE DA IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL( IECLB).

**Cletus:** Qual a sua concepção pessoal sobre a eucaristia. O que o Senhor acha que a Eucaristia é...

**Pastor Walter Altmann:** A eucaristia é um sacramento, dom de Deus para a remissão dos pecados, também produz através de Deus a comunhão de irmãos e irmãs, na mesma fé na mesma Igreja.

**Cletus:** Ela é Deus [...]. Por exemplo, na Igreja Católica, na Igreja Ortodoxa, a ceia, a eucaristia como presença real de Jesus Cristo?

**Pastor Walter Altmann:** Segundo a Igreja Luterana, Cristo está presente na Eucaristia. É a presença real de Jesus Cristo na eucaristia, embora não tenhamos na nossa tradição luterana a palavra transubstanciação. Lutero mesmo tentou se distanciar das questões mais filosóficas, mas enfatizou sempre que, pela palavra, Jesus Cristo está presente no Pão e no Vinho que são, portanto recebidos como Corpo e Sangue de Jesus Cristo. Portanto não se usa a palavra transubstanciação, mas não há nenhuma dúvida quanto à presença real de Jesus Cristo na eucaristia e nos elementos.

**Cletus:** Não é simplesmente memória...?

**Pastor Walter Altmann:** Não é, é mais do que memória. Não é memória. No símbolo, mas é presença real de Cristo.

**Cletus:** Qual é o rito eucarístico de sua Igreja?

**Pastor Walter Altmann:** Ele, segundo a nossa ordem de culto, é bastante semelhante com o rito ecumênico. Bom... é... ele tem alguns variantes contextuais,



assim como o próprio Vaticano II também fez uma reforma litúrgica, nós também, ele tem uma ordem litúrgica alçada na tradição da Igreja, portanto, ele tem a parte central, as palavras da instituição, tem a Ceia, tem a Oração Epiclese, a invocação do Espírito Santo, o Pai Nosso da tradição Católica. Também rezamos o Pai Nosso, a oração dos fiéis, a Oração Eucarística...

**Cletus:** Quem faz tudo isso, quem celebra?

**Pastor Walter Altmann:** O pastor ou a pastora ordenados que presidem a celebração da eucaristia.

**Cletus:** Fora da presença do pastor e da pastora, alguém poderia tomar a posição deles, os fiéis?

**Pastor Walter Altmann:** Acontecem situações missionárias com a ausência do pastor, da Pastora que uma pessoa leiga possa ser preparada, incumbida para a substituição, mas fora isso só se for realizado de forma irregular, que é o que acontece em outras congregações. Segundo a ordem da Igreja, seria sempre o pastor, a pastora ordenados.

**Cletus:** E a qualidade, fica a mesma?

**Pastor Walter Altmann:** Nós acreditamos na centralidade da palavra de Cristo, portanto, embora fosse uma celebração irregular, por ter sido celebrada de forma irregular, sem intenção...

**Cletus:** Quanto à participação na ceia eucarística, quem participa e quem não participa?

**Pastor Walter Altmann:** Nós praticamos a chamada eucaristia aberta, significa que são convidadas as pessoas [...] e crêem na palavra de Cristo, e, portanto, tendo esta unidade de fé, pode ser extensivo. É o que chamamos de hospitalidade eucarística.

**Cletus:** O Senhor acha que é possível uma celebração ecumênica da eucaristia?

**Pastor Walter Altmann:** Eu não tenho restrições teológicas, De parte da institucionalidade luterana há essa possibilidade desde que haja um entendimento comum sobre a presença real de Cristo na eucaristia pela pessoa ordenada. Eu não vejo restrição nenhuma quanto a celebrar conjuntamente como, por exemplo, os católicos e os luteranos. Contudo, sei que a posição oficial da Igreja Católica não é essa, ainda que o diálogo ecumênico entre católicos e luteranos tem levado a um amplo entendimento na compreensão da própria eucaristia, contudo, há diferença própria de entendimento quanto ao ministério ordenado e isto tem sido para a Igreja Católica grande obstáculo na celebração da eucaristia. Esperamos que um dia esse diálogo possa fluir a ponto de que possamos urgente celebrar a eucaristia. Sei também de muitos entendimentos ecumênicos que têm havido na celebração da Santa Ceia com a participação de fiéis das duas Igrejas, contudo sabemos que, do ponto de vista da Igreja Católica... essa celebração ainda vai demorar.

## APÊNDICE 6

### ENTREVISTA COM O PASTOR EDINEI B. REDON IGREJA METODISTA.

**Cletus:** Eu queria saber do senhor, como pastor da igreja metodista, a sua concepção pessoal sobre a eucaristia?

**Pastor Edinei:** Para questão de definição, quando você pensa em eucaristia, você está pensando na eucaristia na tradição católica romana, antes de pensar na tradição cristã, ou está pensando na tradição cristã como um todo?

**Cletus:** Na sua igreja...?

**Pastor Edinei:** Tá, na minha igreja...

**Cletus:** E também... porque tem algumas pessoas que... tem o que a igreja fala, mas depois...

**Pastor Edinei:** Então, a eucaristia, na tradição metodista, na nossa doutrina, ela é um dos dois sacramentos, pra nós, protestantes metodistas, nós temos dois sacramentos, que é o batismo e aquele que nós chamamos de santa ceia ou eucaristia. Pra nós, o sacramento é um sinal visível da graça de Deus, que é invisível através do qual nós somos salvos, então, pra nós, o sacramento... ele é algo... é um símbolo que sinaliza, que simboliza algo maior, então, a eucaristia ou a santa ceia para nós é um símbolo, ela sinaliza, ela aponta pra algo maior que ela mesma, então, nesta dinâmica, ela tem algumas características próprias que, de alguma forma, difere da tradição católica romana, por exemplo, para nós, nós não temos o dogma ou a doutrina da transubstanciação, Lutero dizia da consubstanciação, que foi a primeira tese levantada no ramo protestante, que o pão e o cálice não se transformam, mas Jesus está ali. E a igreja metodista trabalha nesse viés. nós entendemos e esta é minha concepção pessoal, e na medida que o

sacerdote ordenado consagra os elementos da eucaristia, é... eles continuam sendo aquilo que originalmente são, o pão e o cálice de vinho, mas, pela fé, nós o recebemos como corpo de Cristo e sangue de Cristo.

**Cletus:** Existe a presença real de Cristo?

**Pastor Edinei:** Existe a presença real de Cristo, mas não na transformação, nós cremos que Jesus está presente, é ele que nos serve, mas não perdemos de vista a dimensão de que o pão continua sendo o pão na dimensão do símbolo, nós entendemos que o símbolo se torna mais importante do aquilo que ele procura representar, ele passa a ser um intermediário e, porque não dizer, um ídolo, toda a vez que eu atribuo a algo algum valor maior do que ele tem, ele passa a ficar... não diria um obstáculo, mas um intermediário. Então, eu falei para você que, hoje de manhã, eu estava falando sobre o batismo como um grupo da assembléia de Deus, na faculdade assembléia de Deus, e eles enfatizam muito algumas tradições protestantes, o batismo por imersão, e aí eu estava falando então que o que manda não é quantidade de água e sim o que ela representa, porque, quando a quantidade de água começa a ser importante, ela passa a ser um fim nela mesma, e assim é a dimensão da ceia também, o pão é um símbolo e ele representa... ele nos faz lembrar do memorial que Jesus mandou celebrar, e nele Jesus está, naquele momento da celebração ele está, mas Jesus não é o pão, ele está em tudo, no pão também, que seria um pouco talvez da idéia luterana da consubstanciação, então, para nós, por isso que na nossa tradição nós não entendemos que todo culto, toda celebração litúrgica, é preciso, é necessária a presença da eucaristia, porque, para nós, é aquela diferença do culto para a missa, na tradição católica, a missa passa a ser um sacrifício não cruento e por isso precisa a importância da eucaristia. Para nós, o culto pode acontecer sem a eucaristia, e no dia em que nós celebramos a

eucaristia, então, a centralidade do culto não é a palavra, mas é a mesa, é a ceia, mas que eu posso fazer o culto sem a eucaristia, na nossa tradição, isso é possível. Então, nós fazemos geralmente no primeiro domingo do mês, que é a idéia de renovação da nossa aliança com Deus, inclusive no nosso ritual litúrgico, tem a seguinte afirmação: que o sacrifício que Jesus fez por nós foi único, perfeito e suficiente, e hoje o que nós fazemos não é renová-lo, mas renovar o nosso compromisso na medida que nós lembramos, renovar o nosso compromisso com aquilo que Jesus fez por nós, afirmar a nossa fé naquilo que ele fez.

**Cletus:** Qual é o rito da ceia da sua igreja, o rito eucarístico?

**Pastor Edinei:** Nós temos o ritual da ceia, e ele é maleável, ou ele pode ser adequado à realidade da comunidade, mas no ritual da ceia o que é imprescindível é o momento da confissão, onde os cristãos se recolhem na presença do Senhor, confessam as suas limitações e seus pecados e pedem perdão, a absolvição. O momento da consagração dos elementos, quando o sacerdote, o pastor ordenado, ele ora a Deus, consagrando aqueles elementos, e pedindo que Deus esteja tão presente e ele mesmo, Jesus, celebrando, é o momento do humilde acesso, onde nós, com ações de graça, nos aproximamos da mesa, então, existem... de acordo com o contexto social, da comunidade, podemos ter mais louvores, menos louvores, momentos de testemunho, momentos de declarações de fé, aonde nós declaramos o credo que presta a nossa fé, mas, em Minas Gerais, o momento do ritual, da ceia, ele não pode prescindir de alguns itens, a ceia é o momento da confissão, a consagração, o acesso do cristão e, nesse contexto da confissão, também a revelação da fé seria o recitar do credo.

**Cletus:** Quem pode celebrar?

**Pastor Edinei:** Pastor ordenado, consagrado, nomeado pelo Bispo, em última análise, pastor com nomeação episcopal, pastor ou pastora.

**Cletus:** Quanto à participação na ceia eucarística, quem participa, quem não participa?

**Pastor Edinei:** Para nós, não temos a obrigatoriedade do batismo, dentre outras coisas porque... inclusive. nós aceitamos o batismo da igreja católica, e uma pessoa que se converte a Cristo através da igreja metodista, quer se tornar membro da Igreja Metodista, e já foi batizado na infância na Igreja Católica e não quer se batizar novamente, nós respeitamos e aceitamos o batizado, partir do pressuposto que é com água que é de uma tradição cristã e em nome do Pai e do Espírito Santo, há o batismo cristão, partir do pressuposto que no Brasil não existe ninguém que não seja batizado, então, a pessoa não tem obrigatoriedade de ser batizada na nossa igreja, porque nós entendemos que a ceia é do Senhor não é da Igreja e, em decorrência disso, nós não podemos flanquear a ceia pra todos, incluindo as crianças, por que na nossa compreensão, as crianças fazem parte do reino de Deus.

**Cletus:** Então a Santa Ceia poderia ser distribuída para todos?

**Pastor Edinei:** Todos, inclusive a recomendação dos cânones documentos da igreja é que o pastor metodista não deve recusar a ceia a ninguém que se aproxime, só em caso extremo em que a pessoa sofreu um processo disciplinar eclesiástico e foi suspensa, então, nesse caso público, ela pode ser recusada, mas são casos raríssimos, de forma geral, uma vez a igreja sendo esclarecida, aqueles que se aproximam são servidos.

**Cletus:** Mas não é obrigação para todos. Se alguém que está convencido de que não devia se aproximar devido às recomendações dos Apóstolos e que o Sangue de Cristo poderia ser maldição, se a pessoa se recusa, a Igreja respeita?

**Pastor Edinei:** Respeita, e inclusive é algo comum, pessoas que depois chegam e dizem: pastor eu não participei da ceia hoje – e eu digo que observei. Por quê? Por causa disso, eu estou no litígio, estou em uma situação errada, aí, então, ela entra num trabalho pastoral, falando que não é a melhor coisa deixar de participar, mas é se acertar para poder participar.

**Cletus:** O senhor acha que é possível uma celebração ecumênica da Eucaristia?

**Pastor Edinei:** Sim e não, do ponto de vista doutrinário, eu acho que não é possível. Porque eu acho que não é possível: outro dia, perguntaram para mim: ‘Pastor, se uma pessoa de tradição espírita kardecista, contrária aos princípios cristãos de forma geral, ela se aproxima da ceia para tomar, o senhor serve?’ Olha, eu não devo recusar. Mas ela não está trazendo condenação para si ? Aí, o meu entendimento é que, quando o apóstolo Paulo fala na carta aos coríntios do exame e do perigo da maldição, ele está falando para cristãos, então, o não cristão, se ele se aproximar da ceia, ele está comendo um pedacinho de pão e tomando um cálice de suco. O não cristão não é nada a mais do que isso e, como é um ato na dimensão da fé, se a fé não estiver presente, aquilo é uma alimentação pequena inclusive, porque é um pedaço de pão simbólico, nesse entendimento, eu entendo que, se eu participar da eucaristia na Igreja Católica, não concordando com a tradição católica doutrinária da transubstanciação, do sacrifício não cruento, da repetição e uma série de coisas, eu vou estar sendo desonesto, não consigo, mas também consigo, mas com o meu colega padre, porque eu vou estar participando.

## APÊNDICE 7

### ENTREVISTA COM PASTOR ELIAS MAYER VERGARA, IGREJA ANGLICANA

**Cletus:** O senhor poderia falar um pouco sobre o rito eucarístico que vocês adotam?

**Pastor Elias:** O rito eucarístico, na tradição anglicana, é muito semelhante ao rito eucarístico na tradição católica romana, porque o nosso ritual, a nossa liturgia, ela tem a mesma matriz, até o séc. XVI, a igreja anglicana utilizava o mesmo missal, os mesmos ritos que a igreja romana sempre adotou, então, a estrutura básica da eucaristia, na igreja anglicana, manteve-se a mesma, então, nós temos uma acolhida que se faz, e nessa acolhida sempre tem um gesto de mudança do ambiente profano para um ambiente sagrado, então, tem todo o ritual da acolhida, que tem a preocupação de fazer essa mudança do ponto de vista litúrgico. Então, têm os dois grandes momentos, o momento da liturgia da palavra e depois o momento da liturgia eucarística. Dentro da liturgia da palavra, nós temos o momento da acolhida, depois nós vamos ter o momento aonde celebra o sacramento da penitência, que a gente chama do rito de perdão dos pecados; depois, nós temos as leituras, nós fazemos quatro leituras bíblicas, uma do antigo testamento, que é seguida da leitura de um salmo, que, para nós é um saltério; depois, nós lemos uma epístrofe e depois lemos um evangelho, esse calendário coincide também com o calendário que a Igreja Católica romana utiliza, um precipito, os três anos, depois se faz a homilia; depois da homilia, entra-se na liturgia eucarística, e essa liturgia eucarística então é constituída de um momento de intercessão pelas pessoas, pelo sofrimento do mundo, enfim, é um olhar da Igreja para fora de si, depois tem a anamnezia, que é a lembrança do ato eucarístico que Jesus... E depois, a consagração dos elementos. Existem várias consagrações próprias para isto, e essa consagração é feita somente pelo sacerdote e depois se distribui a eucaristia. Na



tradição anglicana, distribui-se o pão e o vinho, e aí, se distribui por várias formas. No final, a bênção que o sacerdote dá à comunidade, e a despedida, que quando há a presença de um diácono, essa despedida é privilegio de um diácono, bem como a leitura do evangelho, então, quando há a presença de um diácono, o diácono faz a leitura do evangelho, faz a despedida e prepara toda a mesa.

Muito bem eu queria colocar um pouco a minha concepção e experiência da eucaristia, uma coisa pessoal, você falou sobre o que a igreja pensa ...

**Cletus:** Primeiro, você vai entrar na questão de quem pode celebrar, você já tocou um pouco do sacerdote ordenado, e agora sobre a sacerdotisa ordenada.

**Pastor Elias:** Então, na tradição anglicana, a celebração da eucaristia, bem como de outros sacramentos, é um privilégio do sacerdote; então, esse sacerdote pode ser do sexo masculino ou feminino, pois já existem muitas mulheres no sacerdote, não no seu tema aqui, mas aqueles sacramentos que são específicos do bispo, no caso, a crisma, é... hoje também pode ser feito pelo bispo no sexo masculino e feminino, e também do homossexual, é uma experiência bastante assumida hoje por muitos líderes sacerdotes na vida da igreja.

**Cletus:** Então, não é o que a gente encontra em certas denominações religiosas, em que a comunidade que manda, a comunidade diante batismo, já tem sacerdote... significando que, na falta do sacerdote que batiza, poderia algum leigo consagrar a eucaristia, isso existe?

**Pastor Elias:** Não, na tradição anglicana, quem consagra os elementos da eucaristia é o sacerdote, ou então o bispo que, no caso, acumula a ordem do sacerdote e presbítero, e o que o leigo pode fazer em relação à eucaristia é ministrar a eucaristia uma vez consagrada, então ele pode distribuir à comunidade, e ele pode também levar para os enfermos.

**Cletus:** Nem o diácono?

**Pastor Elias:** Nem o diácono pode, pois tem a mesma impossibilidade que o ministro leigo da eucaristia, que é de distribuir a eucaristia tanto na comunidade quanto para as pessoas doentes fora do contexto da comunidade.

**Cletus:** E quanto à participação na ceia eucarística, quem participa? Tem distinção, entre estado de graça ou não?

**Pastor Elias:** A igreja anglicana passou por processo de mudança a respeito de quem está ou não credenciado a participar da eucaristia. Hoje, a experiência da igreja é a seguinte: toda pessoa batizada na santíssima trindade, independente de que tradição cristã ela recebeu esse batismo, está habilitada para eucaristia porque, no entendimento da igreja, o rito do batismo é o rito de iniciação cristã, então, se você recebeu esse rito independente de que igreja cristã que ministrou esse rito, se foi em nome da santíssima trindade, você está batizado, a igreja não batiza ninguém de novo, de forma nenhuma, porque ela acredita que o batismo é uma vez somente, e é o rito do batismo que habilita qualquer pessoa para participar da eucaristia e, aí, então, crianças e pessoas de outras igrejas, e qualquer cidadão, desde que tenha o desejo, e que esteja participando de toda a celebração eucarística, de toda a preparação, estando nesta condição, ele é convidado a participar da ceia, junto a qualquer pessoa que possa estar ali no contexto da igreja há muitos anos, então, se um visitante chegar na igreja e estiver nesta condição, ele foi batizado em uma outra tradição cristã e ele se sentir a vontade para participar da ceia, ele é convidado e participa em pé com qualquer outra pessoa.

**Cletus:** E os próprios membros da igreja, que se sentem indignos de comungar, devido alguma situação essencial do pecado, é uma ação louvável de confessar

antes de comungar, ou seria mais louvável ainda comungar mesmo com a consciência de que é pecado?

**Pastor Elias:** No rito da liturgia da eucaristia, está contido o sacramento da penitência, então, nós não celebramos a eucaristia sem termos celebrado antes o rito comunitário, o sacramento da penitencia...

**Cletus:** Absolvição geral?

**Pastor Elias:** Absolvição geral e a oração de pedido de perdão geral também.

**Cletus:** Fora do assunto, porque existe sacramento da penitência pessoal?

**Pastor Elias:** Existe confissão pessoal na medida em que a pessoa tiver dificuldade de se sentir plenamente em comunhão com Deus naquele momento da penitência comunitária, então, ela pode pedir um momento reservado com o sacerdote para, então, fazer a confissão pessoal, isto é perfeitamente possível.

**Cletus:** Agora você acredita em uma ceia ecumênica, você acha que é possível uma celebração ecumênica na eucaristia?

**Pastor Elias:** Eu acredito que sim, se analisarmos assim... as dificuldades que existem nas diferentes tradições em relação à questão do ecumenismo na eucaristia, elas existem porque nós racionalizamos o mito eucarístico, nós queremos explicar como acontece o fenômeno da transformação, que é uma transformação, pela fé, daqueles elementos na presença real ou na substância concreta de Jesus Cristo, nós queremos entender aquilo do ponto de vista racional, e isto para nós, seres humanos, é impossível, porque diante do mito eucarístico, ele é contido de vários significados, porque ele é uma composição simbólica, então, se ele é uma composição simbólica, ele tem dentro da própria tradição católica... vamos imaginar... cada pessoa que está ali e é católica, ele enxerga para a eucaristia de uma forma diferente, aquele ato, aquela eucaristia, tem para ele um significado

diferente, então, se todos os católicos fossem explicitar racionalmente o que significa para ele a eucaristia, com certeza não seria possível também celebrar a eucaristia mesmo só entre os católicos, então, o grande problema que vejo em relação à dificuldade de se celebrar ecumenicamente a eucaristia é que transformamos a eucaristia num texto racional, nós queremos entender o que significa a eucaristia, e a eucaristia não é feita para ser entendida, ela é feita para ser vivida, é a mesma coisa que a gente querer entender como é que funciona a relação de amor entre o homem e a mulher, se você procurar entender isso, você nunca vai conseguir estabelecer uma relação afetiva com quem quer que seja, porque a relação de amor não é uma relação para ser entendida, é uma relação para ser vivenciada, então, o que eu pude viver muitas vezes em muitos lugares diferentes é uma experiência aonde as pessoas abandonam cada uma o seu entendimento racional do que é a eucaristia e entra na vivência do que está sendo celebrado ali, cada um respeitando o que cada qual imagina e sente em respeito da eucaristia, mas cada um procurando centralizar nos elementos da eucaristia aquilo que ela representa para si.

**Cletus:** Veja, por exemplo, alguns da Igreja Metodista Presbiteriana, algumas igrejas, a própria igreja católica também, tem certas qualificações, atitudes que exempla o fiel, antes de ser admitido na ceia eucaristia, a questão do batismo, alguns já não aceitam que alguém comungue sem ser batizado, e os outros já são mais liberais. Então, nesse aspecto, você acha que, na sua igreja, não tem nenhuma exigência, está mais aberto para acolher qualquer criatura ou, por exemplo... você já falou sobre o batismo que é fundamental... suponhamos que alguém de outra congregação religiosa cristã não está batizado, será que sua igreja não cobra que essa pessoa ao menos batize antes de tomar a eucaristia?

**Pastor Elias:** É, a igreja exige e orienta, e educa e adverte, que a condição para participar da ceia é que a pessoa tem que ser batizada, por uma questão muito simples, a eucaristia é um ritual da comunidade cristã, então, se você não pertence a esse contexto, você vai estar naquele momento celebrando exatamente o quê? Se você não faz parte daquele sistema simbólico, que é um sistema simbólico cristão, seria a mesma coisa se qualquer um de nós que somos cristãos irmos a um outro espaço religioso, um rito do candomblé, por exemplo, e a gente por que achou bonito, achou interessante, a gente quer se inserir lá dentro daquele contexto, não vai ser possível, porque aquele sistema simbólico eu não estou inserido nele, eu não sou parte daquele sistema simbólico, porque, para fazer parte, existe todo um procedimento, de um ritual, de iniciação, até que eu possa estar habilitado a participar daquilo que eu achei interessante, bonito, mas eu não estou dentro daquela lógica, dentro daquela experiência, então, eu vou estar diante de uma falha, estar exercendo uma atitude farsante, ou seja, eu não faço parte daquele contexto, e eu quero participar do rito central daquela experiência.

**Cletus:** Contanto que alguém não tenha ao menos o batismo, exclua a pessoa da eucaristia...

**Pastor Elias:** Exatamente, a exclusão não se dá pela decisão da igreja, mas uma decisão de entendimento de que você, sendo cristão, você está dentro daquele contexto que a eucaristia é o centro dessa experiência, se você não é cristão, você não está dentro dessa lógica em que a eucaristia é o centro dessa experiência religiosa, então, fazer parte do sistema simbólico cristão implica nessa iniciação, essa iniciação para nós é o batismo.

**Cletus:** Você poderia falar, acrescentar, o que você queria dizer sobre experiência pessoal eucarística?

**Pastor Elias:** Então, a experiência pessoal, que me é muito importante para a minha vida, é de que eu, há mais ou menos 18 anos atrás, construí, com um grupo de mais colegas, todos sacerdotes, uma ordem religiosa anglicana, é... constituída com o nosso carisma, é a eucaristia, então, nós passamos, a partir daí, a ter na eucaristia a nossa vocação, o nosso carisma passou a ser a eucaristia. Então, toda aquela dinâmica de acolhimento de reflexão da palavra de Deus, de arrependimento daquilo que se fez e nos pesa na consciência, a comunhão, a eucaristia, de estar de acordo com o meu irmão, de estar em sintonia com o meu irmão, isso tudo passou a ser uma coisa não só celebrativa, mas passou a fazer parte da existência dessas pessoas que se articularam em torno dessa experiência religiosa, nós construímos uma ordem que chamamos de ordem de Santiago, porque a carta de Santiago se atribui ... de Jesus, ela é, para nós, o nosso conteúdo teológico, da prática eucarística do mundo e, então, para mim, a experiência eucarística... ela faz parte da minha vivência muito mais do que uma coisa litúrgica, uma coisa ligada ao culto, ela faz parte da minha experiência de vida, então, todos aqueles elementos da eucaristia eu passei a incorporar na minha vida cotidiana, em primeiro momento com esse grupo, que hoje somos 14 pessoas, que iniciamos com 7, e isso passa a ser a minha experiência com a minha família, com a minha comunidade de fé atualmente, com a minha comunidade aonde eu faço mestrado, faz parte da minha experiência de vida na eucaristia, então, isso tem sido realmente uma coisa muito importante, porque aquilo que a gente ritualiza, no momento do culto, não é só uma coisa simbólica, sincera, no momento que a gente se despede do templo da igreja, é uma coisa que a gente procura fazer realmente no cotidiano.

**Cletus:** Quando você fala sobre essa ordem de Santiago, voltada à eucaristia, deve ser diferente da concepção católica, por tem que ser uma ordem religiosa tem que ser contemplativa, exclusivamente...